

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**UMA ANÁLISE DA CULTURA NA LOCALIDADE RURAL: LINHA  
LEOPOLDINA, VALE DOS VINHEDOS, BENTO GONÇALVES/RS.**

**VAGNER DA SILVA MACHADO**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA ROSA MARIA VIEIRA MEDEIROS**

**PORTO ALEGRE, NOVEMBRO, 2013.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**UMA ANÁLISE DA CULTURA NA LOCALIDADE RURAL: LINHA  
LEOPOLDINA, VALE DOS VINHEDOS, BENTO GONÇALVES/RS.**

VAGNER DA SILVA MACHADO

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA ROSA MARIA VIEIRA MEDEIROS

Banca examinadora:

Prof. Dr. Vander Valduga (UFPR)

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich (UFRGS)

Profa. Dra. Ivanira Falcade (UCS)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO 2013.

### CIP - Catalogação na Publicação

Machado, Vagner da Silva  
UMA ANÁLISE DA CULTURA NA LOCALIDADE RURAL: LINHA  
LEOPOLDINA, VALE DOS VINHEDOS, BENTO GONÇALVES/RS. /  
Vagner da Silva Machado. -- 2013.  
96 f.

Orientadora: Rosa Maria Vieira Medeiros.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,  
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,  
BR-RS, 2013.

1. Território. 2. Rural. 3. Cultura. 4. Linha  
Leopoldina, Vale dos Vinhedos. 5. Semiótica. I.  
Medeiros, Rosa Maria Vieira, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

A Comissão examinadora aprova a Dissertação de Mestrado:

**UMA ANÁLISE DA CULTURA NA LOCALIDADE RURAL: LINHA LEOPOLDINA,  
VALE DOS VINHEDOS, BENTO GONÇALVES/RS.**

VAGNER DA SILVA MACHADO

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria Vieira Medeiros (PPG em Geografia/UFRGS)

Comissão examinadora:

Prof. Dr. Vander Valduga (UFPR)

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich (UFRGS)

Profa. Dra. Ivanira Falcade (UCS)

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO, 2013.

Dedico este trabalho  
àqueles que acreditaram  
em mim, principalmente  
à minha família.

## **AGRADECIMENTOS:**

Este trabalho foi concluído devido à ajuda de muitos amigos, certamente não vou conseguir colocar aqui o nome de todos por realmente foram muitos os que cordialmente me ajudaram de alguma forma a concluir esta pesquisa. Algumas dessas pessoas destaco aqui:

À Professora orientadora Doutora Rosa Maria Vieira Medeiros, que com admiração e exemplo de sua paciência e boa vontade me ajudou, aceitou esta pesquisa e orientou com sua perspicácia e gentileza.

Ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aos(às) Professores(as), à Coordenação, aos(as) funcionários(as), aos(às) bolsistas(as), aos colegas de curso.

À CAPES, pela concessão de um ano de bolsa de mestrado e pela qual foi possível desenvolver bastante esta pesquisa.

Ao laboratório Núcleo de Estudos Agrários em Geografia. Posso afirmar mais especificadamente às pessoas que fazem parte do NEAG que também me ajudaram muito no desenvolvimento do trabalho.

Aos colegas da Geografia ou da academia ao qual me ajudaram de inúmeras formas, porém vale aqui um agradecimento especial para Magno Gonzatti Bombassaro, Giovani Buffon Orlandini, Vagner Paz Mengue, Elvis Wandsheer, Michele Lindner, Jussara Spinelli, Felipe Leindecker Montebianco, Eduardo Riffel, Roberto Antunes, Tanice Kormann, André Luis Ramalho da Silveira, Guilherme de Freitas Soares, João Botton, além outros que não poderei citar aqui em função do tempo.

Aos amigos que apesar de não ter relação nenhuma com a Geografia nem com a academia me ajudaram de alguma forma, através de conversas e debates que permitiram que a visão e o enfoque dos meus princípios conceituais mudassem e se aprimorasse, assim, o debate se enriquecia a cada encontro na conversa e construção dos Signos no meu conhecimento.

Ao Senhor Remy Valduga, ao qual admiro muito como ser humano, além de se tornar um grande amigo, atenciosamente me ajudou a realizar grande parte do trabalho de campo no Vale dos Vinhedos.

Além de dedicar, agradeço infinitamente à minha família, que me apoiaram e me apoiam em todos os sentidos e apesar das dificuldades, através da abnegação de muitas coisas eles me deram condições residir em Porto Alegre, para realizar a pesquisa e dar continuidade aos estudos.

Enfim, não conseguirei escrever todos os que me ajudaram neste percurso da pesquisa, mas se estiverem lendo isso acredito que saibam que os sentidos construídos na vivência dessa cordialidade entre nós, jamais serão esquecidos. Simplesmente gostaria de agradecer pela gentileza a todos os que me ajudaram.

“Nada sabemos da alma  
Senão da nossa;  
As dos outros são olhares,  
São gestos, são palavras,  
Com a suposição  
De qualquer semelhança no  
fundo”.

Fernando Pessoa.

## **RESUMO:**

O presente trabalho faz uma análise do Espaço da Cultura e do Território no Vale dos Vinhedos, Linha Leopoldina, em Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul, Brasil. Com a intenção de tentar compreender o sentido de ser e a territorialidade dos indivíduos, assim, o grupo social presente no Vale dos Vinhedos, esboça características que são identificadas através da relação de alteridade e identidade. Nas ações e nos discursos cotidianos temos a expressão da cultura local. Através de consultas teóricas, a pesquisa deste trabalho direciona-se para a cultura humana de influências italianas, bem como as influências das verticalidades culturais encontradas e na referência da Semiótica bem como os efeitos de sentido que os indivíduos atribuem nos seus discursos e suas ações. O procedimento da pesquisa é orientado pelas conceituações teóricas, diários de campo e entrevistas com moradores do local. Então, a territorialidade se constrói nesta comunidade pela multidimensionalidade do vivido, e conseqüentemente dão sentido de lugar ao espaço. Desta maneira, constituem-se na cultura local as representações que se esboçam no espaço, dentro da relação intrínseca do ser humano com o meio.

Palavras-chave: Território, Territorialidade, Rural, Linha Leopoldina, Semiótica, Cultura.

## **ABSTRACT:**

The present study is an analysis of the cultural space and territorial in the Vale dos Vinhedos, Linha Leopoldina, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil. With the intention of trying to understand the meaning of being and the territoriality of individuals. Thus, this social group at the Vale dos Vinhedos, draft characteristics that are identified through the relationship of otherness and identity. In the actions and everyday discourses have the expression of the local culture. Through consultations theoretical research of this work is directed to the human culture of Italian influences and the cultural influences of the uprights and found the reference of semiotics as well as the effects of meaning that individuals attribute in his speeches and his actions. The research procedure is guided by theoretical conceptualizations, diaries and interviews with local residents. So, territoriality is built by the multidimensionality of this community lived, and consequently give rise to the sense of space. Thus, constitute the local culture representations that emerge in space, within the intrinsic relationship between human beings and the environment.

Keywords: Territory, Territoriality, Rural, Linha Leopoldina, Semiotic, Culture.

## LISTA DE FIGURAS:

Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul, Brasil. ....	15
Figura 2: Mapa do município de Bento Gonçalves. ....	16
Figura 3: Mapa da Linha Leopoldina. Fonte: .....	18
Figura 4: Fluxograma representando orientações teóricas. ....	26
Figura 5 e 6: Ferreiro em 1932 e tanoaria Franzoni em 1920.....	38
Figura 7 e 8: Cooperativa vitivinícola Aurora, e foto da visita do Presidente da República 1967.. .....	40
Figura 9: Imagem na Linha Leopoldina.. .....	53
Figura 10: Capela Nossa Senhora das Neves. Linha Leopoldina, Bento Gonçalves/RS. ....	57

## SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO: .....	13
2. PROBLEMA E JUSTIFICATIVA: .....	18
2.1 Metodologia da Pesquisa:.....	21
3. O ESPAÇO SOCIAL, CULTURAL E O TERRITÓRIO: .....	26
3.1 O sentido de ser dentro dos aspectos da Semiótica:.....	28
3.2 Uma Nova Ruralidade:.....	33
4. ALGUMAS OBSERVAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A REGIÃO E LOCALIDADE: .....	34
5. ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIAIS E TERRITORIAIS: .....	42
5.1 Pontos a ser considerados no espaço social e cultural: .....	43
5.2 Conceitos territoriais para uma análise do espaço: .....	46
5.3. A Paisagem na Linha Leopoldina como ferramenta conceitual de análise: ....	48
5.4. Territorialidade na Linha Leopoldina:.....	55
6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS:.....	59
6.1 As Relações dos indivíduos com a vitivinicultura e os sentidos de realidade no discurso: .....	59
6.2 Disseminações de temas e investimentos figurativos das entrevistas:.....	67
6.3 Linguagem, realidade cultural e espacial:.....	80
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....	83
REFERÊNCIAS:.....	88

## 1. INTRODUÇÃO:

Esta dissertação é voltada para a análise da cultura de um espaço rural, uma localidade inserida no Vale dos Vinhedos chamada Linha Leopoldina, que localiza-se no município de Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul. A Geografia é uma ciência muito ampla em suas teorias, e isto enriquece ainda mais a construção de um conhecer geográfico para os pesquisadores e interessados pelos elementos que fundamentam a construção do espaço. Neste sentido, esta pesquisa é baseada dentro da Geografia Cultural, e assim, dentro desta área de conhecimento das ciências humanas, entendemos que uma compreensão do espaço exige que façamos opções que nos oriente dentro da pesquisa, para desta forma termos um melhor desenvolvimento e inteligibilidade do objeto de estudo.

A ideia de organização do espaço geográfico nos permite tentar entender a dinâmica dos seus habitantes dentro do cotidiano, as formas de pensar sobre o lugar onde esses sujeitos vivem, esboçam informações que subsidiam as referências da cultura local, e assim, é possível organizar alguns elementos que estão inseridos no passado e no presente da formação e as particularidades de cada lugar.

Como referência teórica, utilizam-se conceitos e ferramentas metodológicas que auxiliam na compreensão do fenômeno cultural, social e espacial que constitui na Linha Leopoldina. Assim, o desenvolvimento do trabalho tem na semiótica uma referência de análise que diz respeito aos aspectos culturais como um sistema de significação, tanto no âmbito material quanto no simbólico, um sistema que permite ao pesquisador analisar de maneira mais coerente o objeto de estudo em questão.

Nas Figuras 1, 2 e 3, temos mapas de localização que esclarecem melhor dentro das perspectivas cartográficas estes fundamentos de regional que se fazem a partir da proximidade, integração e constituição do local.

Quando falamos em Vale dos Vinhedos (Figura 2), também é muito importante falarmos sobre a história regional e local que é uma base de influência na cultura de forma fundamental, desta maneira, a Linha Leopoldina (figura 3), fica inserida neste contexto histórico.

Nos dias atuais, em meio à mundialização e na era da informação imediata, influências do mundo todo estão presentes no espaço, porém, a raiz histórica da localidade mostra alguns elementos da herança cultural dos imigrantes italianos que se estabeleceram ali a partir de 1875.

A partir da chegada dos imigrantes italianos, a agricultura familiar se tornou um fundamento para a subsistência das pessoas. Desde os primeiros anos de ocupação várias espécies foram cultivadas para o abastecimento local e comercial e a uva sempre esteve presente na produção da agricultura local. Algumas referências mostram que já havia a tentativa de plantar *vitis viniferas*, porém, nos primeiros anos da colonização a cultura da videira de origem americana sobrepujava, como afirma Falcade, I. (2011):

Embora haja referência do cultivo da *vitis vinifera*, no período de implantação da viticultura, a base varietal era formada por variedades americanas. A instalação de estações experimentais de viticultura e enologia, estaduais e federais, em diversos municípios da serra gaúcha, responsáveis pela importação, adaptação e multiplicação de mudas de muitas variedades *vitis viniferas*, durante a década de 1920, está relacionada com a importância da vitivinicultura como atividade econômica regional. (FALCADE, I. Pag. 78, 2011).

Podemos entender assim, que há uma herança cultural muito importante e influente da cultura de uvas junto com os imigrantes, da mesma maneira que atualmente um dos elementos de convívio social, e também no sentido de juízo de valores atribuídos à videira parece preponderante na vida dos moradores do lugar.

## Mapa do Rio Grande do Sul/Brasil, com a localização do Município de Bento Gonçalves.

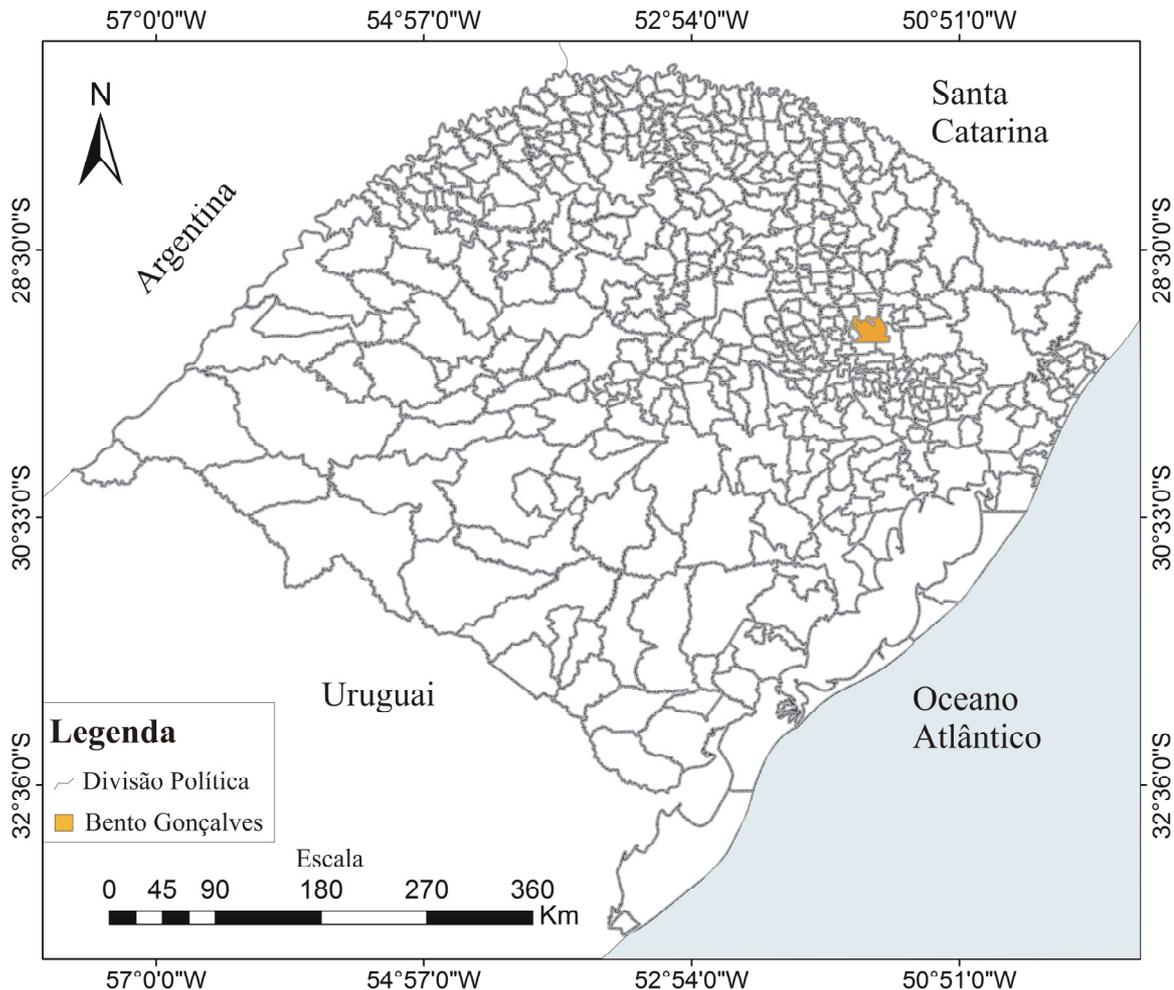


Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul, Brasil. Base cartográfica IBGE. Fonte: Elaborado pelo autor. 2013.

Outra referência importante no que se diz respeito ao Vale dos Vinhedos é a ruralidade do local. As ruralidades apresentam uma série de relações materiais e imateriais nos aspectos do modo de vida rural, isto é percebido nas formas e nas particularidades que são repletas de signos que influenciam na dinâmica da cultura espacial.

A população rural tem uma espacialidade marcada pela tranquilidade devido à baixa densidade demográfica e o trabalho direto com a natureza que caracteriza uma aparência mais tradicional dos costumes do cotidiano. Apesar das influências das tecnologias e dos meios de informação, ainda há hábitos, costume e valores herdados do rural.

O rural teve muitas transformações nas últimas décadas devido às vicissitudes no sistema de produção agrícola que favorece na maioria dos casos a lógica do capital de desenvolvimento, fazendo desta maneira, que o rural absorvesse elementos da vida urbana. Assim, o acesso à informação e a necessidade de consumo presente, tanto no rural quanto no urbano, fazem com que as forças de influências assim como os conceitos são intensidades para Deleuze, G. (1977), sejam maiores ou menores dependendo de cada indivíduo: sua idade, atividade, suas preferências, seu cotidiano, relações sociais, tudo isso influencia e entra nos referentes aspectos da identidade e da cultura.

### Mapa do município de Bento Gonçalves, com a localização da Linha Leopoldina, no Vale dos Vinhedos.

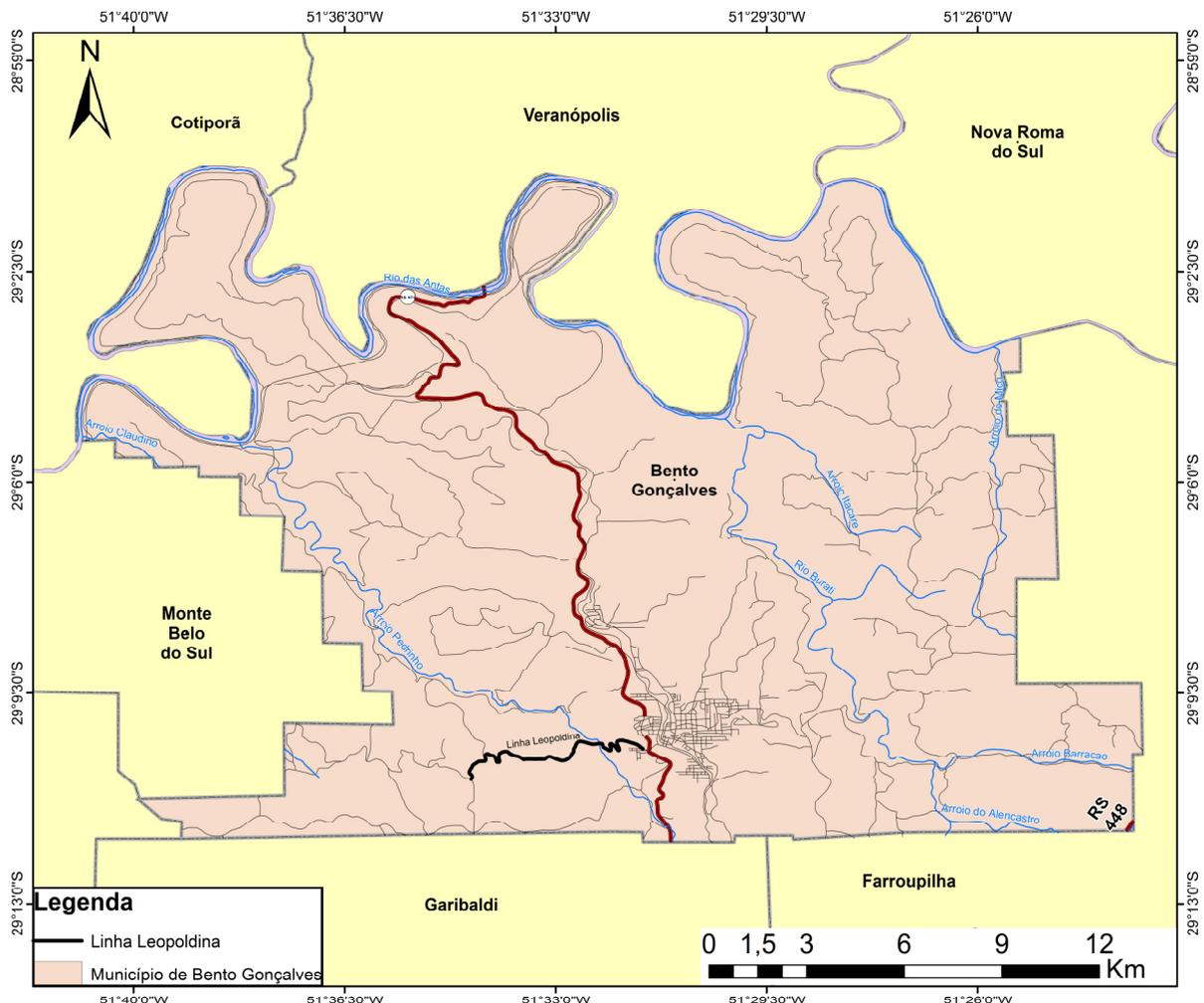


Figura 2: Mapa do município de Bento Gonçalves. Base cartográfica IBGE. Fonte: elaborado pelo autor. 2013.

Então todo esse processo trás no seu bojo, redefinições sobre o patrimônio cultural deste local. As relações sociais e econômicas que surgem com o

desenvolvimento da indicação geográfica, apresenta um papel importante no que se refere ao estilo de vida dos atores sociais.

O Vale dos Vinhedos, localizado por uma fronteira representacional que está relacionada à área de produção vitivinícola, tem limites com os municípios de Garibaldi (33% área), Monte Belo do Sul (7% área) e Bento Gonçalves (60% área), a Linha Leopoldina, fica dentro do município de Bento Gonçalves, e assim, essas delimitações de fronteiras estão relacionadas com as práticas culturais e com as características que mostram que a localidade tem suas determinadas peculiaridades.

No processo histórico de organização territorial das comunidades foram definidos primeiramente pela política de imigração, que estabeleceu a ocupação pelos lotes que consistiam em Linhas e Travessões, sendo que normalmente elas levam o nome de pessoas homenageadas, no caso da Linha Leopoldina, a princesa do império brasileiro no qual, os imigrantes atribuíam a responsabilidade da imigração. Com o passar dos anos e todo o processo histórico do Vale dos Vinhedos, a estrutura se transforma, modifica em parte essa organização. Assim, há também neste sentido, herança de ações do passado e atualização do território por parte dos atores que influenciam espaço e dentro dos aspectos social, econômico e cultural.

## Mapa de localização da Linha Leopoldina, Vale dos Vinhedos, Bento Gonçalves/RS.

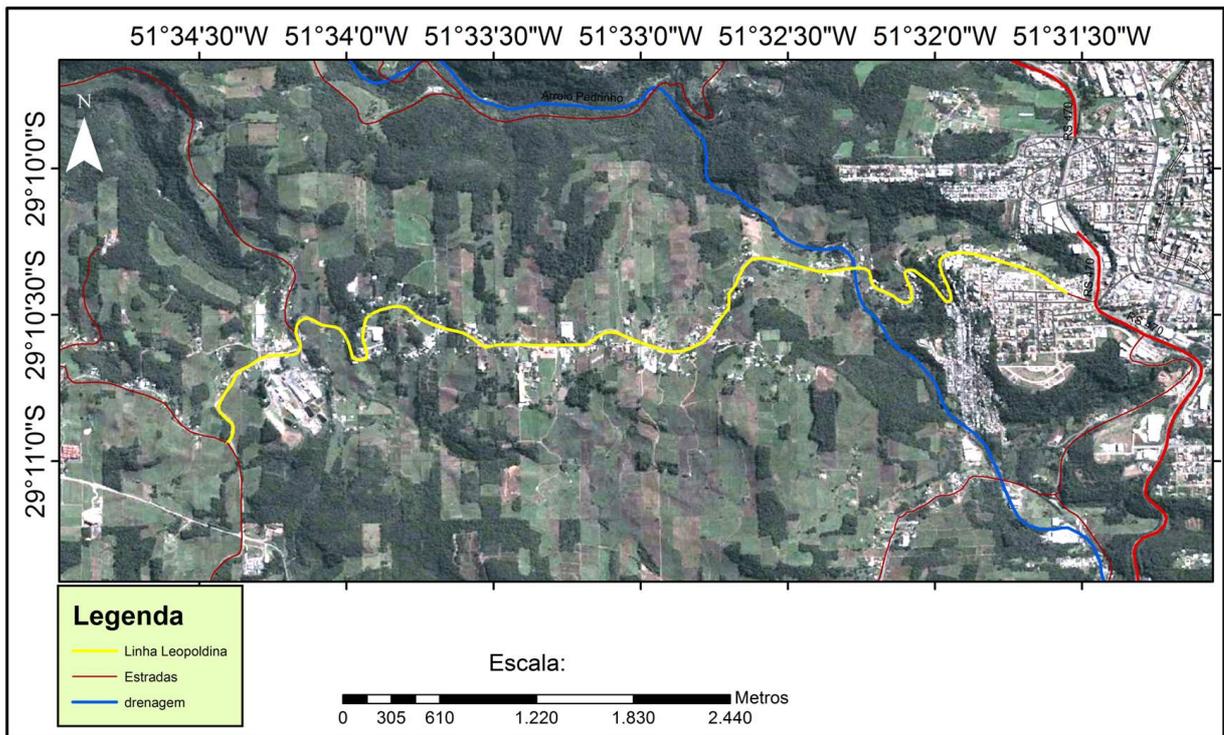


Figura 3: Mapa da Linha Leopoldina. Base cartográfica IBGE. Fonte: Elaborado pelo autor. 2013.

## 2. PROBLEMA E JUSTIFICATIVA:

O município de Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul foi colonizado por diversos imigrantes no final do século XIX. Entre estes imigrantes, os italianos eram maioria, (lembrando que nesta data, a Itália não era um país unificado, para nos referenciar aqui, dizemos que os primeiros imigrantes seriam da região de Vêneto na Itália) chegam ao Brasil em 1875. Segundo Valduga, V. (2007, pag. 81): “O município começou a ser formado a partir de 24 de dezembro de 1875, quando chegaram, simultaneamente, imigrantes oriundos do Tirol Austríaco e da região do Vêneto, na Itália”.

Desta maneira, esta pesquisa tem por objetivo analisar um recorte espacial localizado em uma área rural do município de Bento Gonçalves. Este espaço é conhecido pelo nome de Linha Leopoldina. Trata-se de um espaço rural, que faz parte do território do Vale dos Vinhedos, onde a cultura italiana é bem influente nas ações e nos discursos das pessoas que vivem neste território. Uma vez que, a

maioria das pessoas que vivem na Linha Leopoldina são descendentes diretos dos imigrantes, há uma força de influência cultural mais tradicional na vida destes indivíduos. A atividade de trabalho que predomina é a vitivinicultura, e esta cultura influencia no modo de vida, nas ações e no trabalho cotidiano, caracterizando assim, uma maneira singular no que se refere à relação do ser humano com o meio.

As características culturais da região, município e da localidade rural desta pesquisa, têm forte vínculo com a cultura dos imigrantes italianos que colonizaram as terras brasileiras nesta data, estas características são heranças culturais. Temos também, dentro do mesmo espaço uma grande influência das culturas externas ao local, devido ao grande acesso aos meios de comunicação que são muito acessíveis nos dias de hoje, principalmente para aqueles que têm condições de adquirir estas ferramentas de informação, se tratando de uma região voltada para o conceito do paradigma do capitalismo agrário proposto por Abramovay, R. (2000), dentro dos princípios de desenvolvimento do capital, há equilíbrio dentro de um jogo de forças que influenciam na cultura do Vale dos Vinhedos.

Assim, estudar a cultura é uma maneira de interpretar, compreender, analisar e perceber a organização do espaço, na experiência dos grupos, suas atitudes e valores, no qual se evidencia peculiaridades, estas conferem um caráter próprio no espaço, sendo assim, um enfoque espacial com conotação cultural. Podemos dizer então que determinada região, a significância dada entre a sociedade e o espaço se esboça culturalmente nas características mais marcantes da ocupação e do povoamento do espaço. Encontramos estes fenômenos no Vale dos Vinhedos.

Fazer uma análise da cultura local, problematizando os elementos e características intrínsecas no cotidiano das pessoas sob uma visão da semiótica (isto é, os símbolos, índices e ícones que fazem uma relação de referência com a matéria significante e o conteúdo) traz indagações que permite compreender um pouco melhor um sistema cultural<sup>1</sup>. Uma análise semiológica de alguns aspectos exige certa (des)construção das linguagens, ícones, ações, gestos, imagens que compõe todo o cenário e que manifesta as ações da cultura, reforçando elementos que a identidade cultural promove, e assim, a coesão entre os agentes pertinentes

---

<sup>1</sup> A referência teórica semiótica trata a cultura como um sistema (referência teórica em: Umberto Eco, Tratado Geral de Semiótica. 1980).

desta localidade torna-se inteligível, e desta forma, estes atores agem dentro das perspectivas que se enquadram nos processos de ação e identidade.

A identidade cultural e a ação dos indivíduos são temas frequentes no que se refere aos principais ramos da Geografia cultural, e a análise semiológica é um método bem coerente de análise, com seus procedimentos, teorias de pressupostos e hipóteses que auxiliaram no estudo das linguagens, ícones e toda a forma de signo presente na cultura de determinado espaço estudado. O signo, de uma maneira geral, está presente em toda a percepção humana e representação da realidade material. O uso de símbolos, ícones e rituais que perpassam o dia-dia de sujeitos humanos, constroem os sentidos e os valores de juízo que chamamos de cultura, numa expressão genérica de usar o termo.

Na territorialidade há a manifestação produzida pela ocupação e uso do espaço, e isso se faz pela ação dos atores locais. Desta maneira, a territorialidade é uma construção, através da qual há um estabelecimento de vínculos em que o objeto espacial é ocupar e fazer parte dela.

É fundamental um resgate histórico para que consigamos compreender as bases da construção do espaço na localidade, bem como se organiza o espaço simbólico (ou semiótico) da cultura de imigração italiana no território. Os aspectos mais influentes do passado no espaço cultural devem ser levados em conta, para que assim melhor entendamos as heranças passadas de geração para geração no que se refere aos valores atribuídos à cultura e ao lugar.

A perspectiva de debater a ruralidade do Vale dos Vinhedos com foco nos aspectos culturais e etnográficos, quais as relações com os modos de construção e redefinição da identidade dessa sociedade? Como compreender as ações dos atores sociais dentro de uma perspectiva cultural? E como elas se representam no espaço caracterizando elementos através das formas na paisagem e conferindo-lhe esta particularidade?

A partir destas indagações que damos início à pesquisa, obviamente, sem a intenção de esgotar o assunto sobre o tema, uma vez que, se tratando de ciências humanas, a construção e reformulação de teorias se complementam e enriquece as infinitas maneiras de compreender o espaço.

A pesquisa assim tem sua relevância no sentido de demonstrar que a interação dos atores locais promove a dinâmica deste lugar. Devido às transformações socioeconômicas e culturais ocorridas nos últimos anos, o Vale dos Vinhedos tornou-se um espaço de estudos em várias temáticas. A importância de avançar em estudos que contemplem o conhecimento nos discursos, práticas sociais espontâneas e as vivências contribui com a história e os processos envolvidos nos fenômenos socioculturais e econômicos do local.

Assim, o trabalho desta pesquisa constituir-se-á em um material de pesquisa para comunidade acadêmica, como fonte de consulta para gestão pública, organização não governamental, instituições de ensino e população local que tenha a intenção de aprofundar conhecimentos sobre os aspectos sociais e culturais presentes e que atuam no território do Vale dos Vinhedos e mais especificadamente na Linha Leopoldina.

A importância da pesquisa se institui na conveniência de pesquisadores e estudiosos do espaço, saber em qualidade, como se organiza o espaço no que se refere às relações sociais, sendo assim, a intenção é promover melhor compreensão do espaço e dos indivíduos, em um conjunto de estudos sobre cultura e da sua relevância. Também é intento reforçar os princípios de conhecimento do desenvolvimento de ser do ser humano.

Podemos dizer assim que uma pesquisa feita a partir da Geografia cultural faz parte da ciência de maneira geral, caracterizando alguns elementos fundamentais do espaço mas não excluindo os infinitos enfoques que as pesquisas acadêmicas podem promover em sua relevância para a sociedade de maneira geral.

## **2.1 Metodologia da Pesquisa:**

A construção de uma pesquisa necessita que o investigador encontre teorias que facilite o desenvolvimento do trabalho, assim, a realização e o desenvolvimento proposto no projeto toma um caminho científico. Através de dados de fontes primárias e secundárias, ferramentas teóricas, métodos fundamentais, estes se encontram presentes em todo o desdobramento deste estudo. A análise de algumas representações culturais na localidade faz relação da cultura com o meio, e este, é um princípio fundamental na ciência geográfica: a compreensão do humano e o

meio, bem como sua relação. A partir disto, o território se demonstra essencial para esclarecer as questões dos signos espaciais, uma vez que, desde a obra de Dardel, E. (1952), a contribuição para a ontologia do espaço se demonstra cada vez mais importante para as questões geográficas que tomam pauta no cenário científico da contemporaneidade.

Relph, E. (1976), usa conceitos que envolvem o lugar, o lar baseados no habitar e no sentido existencial que liga o homem e a terra. Assim, incorpora perspectivas da noção de pensar a paisagem e o lugar do indivíduo o que cria desta maneira, uma forma de pensar, isto é, um sentido enquanto memória e valores que são atribuídos ao espaço com a própria existência.

A escolha do Vale dos Vinhedos e mais especificadamente a Linha Leopoldina, que fica na sua integridade dentro do município de Bento Gonçalves, é um espaço que guarda no fenômeno as questões da consciência, isto é, a significação que é atribuída ao lugar e a representação deste. O Vale dos Vinhedos tem seu território em três municípios vizinhos (Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul), e a Linha Leopoldina se localiza somente em Bento Gonçalves. Assim, a escolha da área de pesquisa foi resultado de uma parte inicial do próprio trabalho, para não haver uma dispersão de elementos e não tornar o trabalho extenso demais para o objetivo proposto. Escolhemos encontrar elementos culturais tradicionais e diversos dentro de um espaço que fosse suficiente para isso.

A questão histórica, a tênue diferenciação entre as comunidades dentro do próprio Vale dos Vinhedos, a dinâmica do espaço, bem como a intenção de dar voz ao indivíduo, fazendo deste uma fonte de informações para a construção do trabalho, possibilitou entender que a Linha Leopoldina se constitui em um lugar suficiente para tentar compreender alguns elementos estruturais da cultura local.

Para um melhor exame do território Linha Leopoldina, na zona rural do município de Bento Gonçalves, a forma adotada de técnicas de pesquisa com várias categorias conceituais e como ferramenta teórica, o Território, a Territorialidade e a Semiótica, tem assim, uma combinação que se torna necessária uma vez que, se refere de um ambiente com um nível de complexidade bem aprofundado, com sobreposições territoriais, sendo os indivíduos as fontes de informação primária.

Assim, uma leitura técnica da Geografia Cultural vai definir uma observação minuciosa para entender e desenvolver um trabalho que se refere ao espaço.

Referente aos procedimentos metodológicos realizados na pesquisa, as informações de fonte primária se atribui aos diários de campo, nas análises descritivas do espaço, fotografias realizadas durante os percursos, conversas informais com pessoas e entrevistas realizadas no trabalho de campo. Estes fazem parte do material usado para analisar as informações coletadas no empírico do trabalho.

Quanto às entrevistas realizadas e colocadas como referência ao decorrer do trabalho, usamos uma técnica de realização, na seguinte forma: as perguntas eram elaboradas com intenção de direcionar o assunto para não nos envolvermos em questões muito amplas que não seriam interessantes para o trabalho em pauta. Apesar de não haver um roteiro de entrevista “engessado” usamos como tema algumas questões, por exemplo: O que representa morar na Linha Leopoldina? Qual era a sua visão sobre a Cultura (referente tanto à Cultura italiana quanto à Cultura que vem de fora, que não seria “enraizada”) do local? Qual a representação da vitivinicultura com o espaço? Qual o papel da comunidade, da religião e das pessoas da família nessa construção? A partir disto, a entrevista se revelava rica em informações próprias do sujeito, deixando o enunciador livre para fazer suas argumentações, apenas direcionando, em alguns momentos, para que a conversa não se dispersasse em outros temas, sempre com o intuito de tentar entender como se organiza os objetos conceituais para o indivíduo que mora no lugar e como este indivíduo interpreta e representa esses signos em seu discurso.

No total foram nove entrevistas gravadas e analisadas neste trabalho, efetuadas em um período de tempo de um ano. O procedimento delas, no que se diz respeito à escolha das pessoas, as entrevistas foram feitas aleatoriamente, assim, as pessoas que contribuíram com entrevistas são lideranças comunitárias, estudantes, aposentados, empresários, Professores, funcionários públicos, etc. Qualquer pessoa que mora na Linha Leopoldina poderia contribuir no trabalho, e desta maneira, conseguimos narrativas suficientes para a evolução da pesquisa. As entrevistas não foram transcritas literalmente aqui na análise, porque muitas delas seriam longas demais, e não se revelariam úteis para a construção do trabalho final,

e conseqüentemente, direcionamos as partes que seriam mais interessantes para a pesquisa, mas sempre com o cuidado de não alterar o sentido do discurso das entrevistas. Também optamos por não identificar os entrevistados, uma vez que, o espaço delimitado para a pesquisa é um espaço relativamente pequeno, então é bem provável que os entrevistados se conheçam e isso garante a privacidade das pessoas.

A estrutura deste trabalho esta organizada dentro do método fenomenológico, para atender o desenvolvimento e objetivo de analisar o território a partir do indivíduo, sendo assim, é preciso chegar à intuição das essências, no conteúdo inteligível e ideal dos fenômenos. A intenção da pesquisa é retomar as questões de experiência e vivência humana, então como afirma Di Méo, G.; Bullèon, P. (2007), o tempo e o espaço se conjugam no tempo social. O fenômeno a ser estudado está localizado no tempo contemporâneo, em um local determinado, assim, estes objetos ideais representam a essência de sua significação.

A fenomenologia de Edmund Husserl (1969) em principio propõe a importância dos fenômenos em sua consciência, que devem ser estudados dentro da sua essência em si mesmo, assim, as coisas que se refere ao mundo humano que se apresentam na experiência da consciência, advindo um significado que é concebido como real para o indivíduo. Assim, a proposta de redução fenomenológica, resumidamente, consiste em tentar entender o fenômeno da experiência dentro do significado adquirido, então, a orientação do estudo vai para o conhecimento do mundo na forma que se realiza e na visão de mundo que o indivíduo tem.

Já a fenomenologia de Heidegger, M. (1993), trás uma ontologia do espaço, uma vez que atribui o ser ao fenômeno do espaço, do lugar. Isto significa que o ser é (no sentido ontológico) o lugar onde se encontra, bem como este ser se relaciona com o espaço que habita. Assim, o estudo do ser, na teoria de Heidegger, dá ferramentas para que os estudos geográficos entrem nos fenômenos do ser humano e sua relação com o meio, na noção do habitar. Isto reforça o debate da geograficidade do ser-no-mundo da contemporaneidade.

A essência do habitar está relacionada com o fundamento do próprio humano quando habita o seu 'lugar', pois têm sobre si, espaços em razão de sua

permanência no aqui/ali, lugares que são indicados e significados de alguma forma, territórios do mundo circundante. Essa própria essência do habitar que podemos afirmar que é a própria determinação do ser humano que funciona como referência do lugar aos espaços de relação, este é pensado e construído através das vivências no espaço.

A teoria de Heidegger nos ajuda a abrir indagações sobre o pensar a situação do ser na sociedade contemporânea, em sua geograficidade. Esta se manifesta a partir da ligação íntima habitar-lugar, enquanto fenômeno geográfico vivido e entendido pela experiência de uma pessoa, que dota o espaço de sentido. Assim, trabalhando com os sentidos, que o papel da Semiótica parece fundamental para compreendermos detalhadamente como a inteligibilidade do espaço é para um indivíduo.

A consciência de habitar está relacionada não só com o simples fato de morar em um local, O habitar está relacionado também com muitos dos aspectos fundamentados com o ser-no-mundo, envolvendo espaços e territórios com atribuições de significados das quais, só aqueles que habitam o local pode ter, uma vez que estes indivíduos que interagem com o meio dentro da comunidade porque nasceram e cresceram neste espaço. Isto implica um conjunto de fenômenos que são elementos mediados pelas intencionalidades e do querer do homem sobre o ambiente. A existência é estabelecida no habitar, e este fenômeno marca, demarca e transforma o espaço.

A figura a seguir (figura 4), mostra e esclarece como está estruturada a pesquisa em categorias conceituais e também temáticas da pesquisa. Não há uma ordem necessária para o entendimento do fluxograma, a figura apenas esclarece como cada fundamento teórico esta imbricado um ao outro e como a pesquisa toma uma organização conceitual necessária para sua construção.

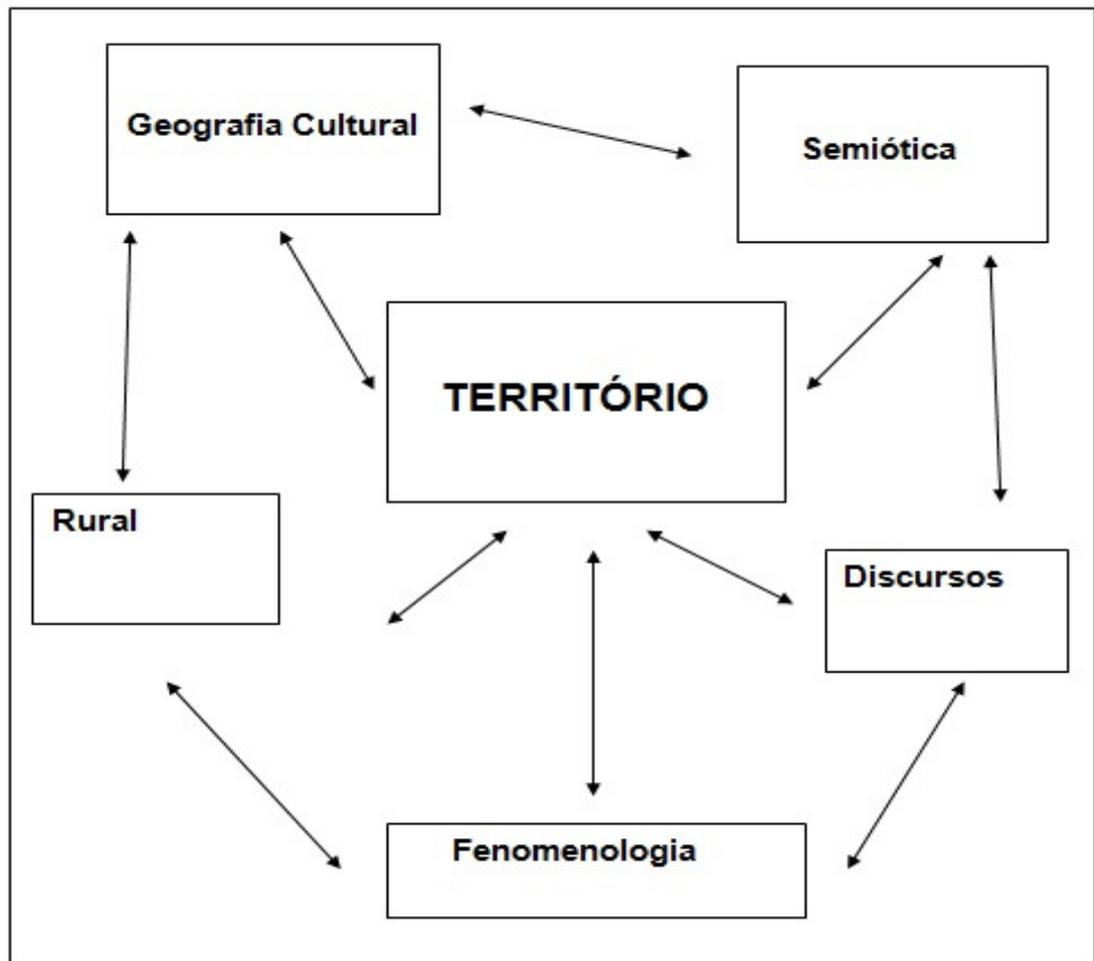


Figura 4: Fluxograma representando orientações teóricas. Fonte: Elaborado pelo Autor. 2013.

A partir destes esclarecimentos metodológicos, alguns elementos históricos também são de visível fundamento para compreender melhor o espaço e sua organização, entender como os elementos culturais são, e de qual maneira se tornaram assim através da construção social que está inserida neste local. O objetivo do trabalho de propor uma investigação que se refere às heranças culturais, bem como na localidade que se constitui em termos de composição de sua estrutura cultural na contemporaneidade.

### 3. O ESPAÇO SOCIAL, CULTURAL E O TERRITÓRIO:

A cultura pode ser compreendida como a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, sendo assim, herdadas essas somas de uma geração para a outra (CLAVAL, P., 2007). Em outra escala, podemos dizer que são valores

do conjunto nos grupos que fazem parte dos mesmos. O conteúdo de cada cultura é original, mas alguns componentes essenciais estão sempre presentes nas estruturas. Segundo Claval, P. (2007, pag. 63): “Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares”. Desta maneira aderindo aos mesmos valores justificados por uma filosofia, ideologia e crenças que são compartilhadas. Podemos dizer então que é possível ter uma melhor inteligibilidade do espaço cultural dentro dos fenômenos que estão presentes no cotidiano e nas perspectivas da realidade territorial.

A interação do espaço, tempo e atores constrói o que temos por espaço social. Estes atuam o território dentro de um sistema de espaço de ação na sua relação de poder, percepção e espaço de experiência vivida como um todo. Tanto no material quanto no imaterial, a complexidade dos papéis muda conforme o tempo, a questão econômica, e a velocidade das tecnologias que tornam o aparato territorial mais uma concepção do espaço social. No palco dinâmico das representações, estes movimentos acabam constituindo as categorias de ação e composição do espaço geográfico (LEFEBVRE, H. 1984).

De maneira mais generalizada, podemos afirmar que a construção do espaço social se concebe na integração das possíveis ações de sujeitos, indivíduos que fazem parte da natureza do espaço geográfico como um todo, sendo assim, estes sujeitos que tem o poder de ação cotidiano, toma o papel de ator social, formulando a construção do espaço social através de sua cultura.

Então o Vale dos Vinhedos é entendido como um espaço que reúne as relações de fixos e fluxos, como coloca a teoria de Santos, M. (1996), as representações socioculturais dos elementos que se redefinem constantemente nos permitem observar a dialética da transformação do espaço que passa de uma totalidade para outra totalidade.

Tendo em pauta que o ser humano é um animal que ocupa seu território de maneira racional e emocional, na qual torna suas ações permeadas de sentidos, podemos dizer que o conteúdo semiótico deste território é matéria de estudo para a Geografia. Assim, fazendo o território tomar um nível de complexidade semiológica, a relação com a cultura influencia diretamente no meio em que os indivíduos estão inseridos (RAFFESTIN, C. 1988).

Da mesma maneira, conceito de território está relacionado com a intencionalidade dos sujeitos. Sendo assim, podemos compreender os territórios como uma totalidade com várias dimensões onde as relações sociais construídas historicamente compõem as bases que fundamentam o conceito de território. O território imaterial está relacionado com o material, podendo ser observados nas formas (SANTOS, M. 1996) que está presente em todas as ordens de territórios, o ideal se relaciona ao controle e os processos de construção do conhecimento e suas interpretações (Ideologias, signos, teorias, paradigmas, etc).

Podemos entender a territorialidade dentro do que se espera nas dimensões que estão inseridas dentro de uma abordagem cultural, está dentro do vivido existencial dos indivíduos. O espaço rural faz parte da realidade compreendida no sistema territorial do Vale dos Vinhedos e da Linha Leopoldina. A condição territorial tem como elo a cultura da ruralidade, um modo de ser e de viver que está relacionado com as ações de indivíduos e coletividade (como atores sociais na concepção de Di Méo, 2007) na qual há uma construção histórica e social do rural.

### **3.1 O sentido de ser dentro dos aspectos da Semiótica:**

Para Claval (2007, pag. 83), a ação humana é baseada normalmente na pulsão, porém, sempre teremos certa intensidade de canalização da influência cultural nestas ações. Ela faz presumir memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e gestos. A memória nasce de um adestramento que entra nos nossos reflexos de maneira mais ou menos automáticas, por isso, no cotidiano as atitudes objetivas não estão vinculados com o intelectual. Os indivíduos reagem de maneira que seus gestos e atitudes concentram-se nos pontos mais importantes, para que estes pontos possam responder aos desafios que são colocados no dia-dia, e como cita Claval (2007, pag.83): “Em muitos domínios, a interiorização das sequencias de gestos e sua memorização até o nível em que se tornam automatismos implicam um aprendizado e a repetição de um exercício simples”.

A memória presente nos indivíduos e colocada em prática na transmissão de uma cultura pode compreender em vários domínios como: a memória verbal, que se destaca por formar narrativas que dão sentido a determinadas regras morais e

preceitos de conduta e até mesmo os provérbios, contos e lendas que fazem parte da cultura e deixam suas marcas na memória dos agentes envolvidos no espaço. A memória visual exige um exercício no olhar, para que esta se desenvolva. Podendo se sustentar em procedimentos verbais e fazer um recorte do campo visual através das palavras e dos sentidos, (CLAVAL, P. 2007).

A percepção é a maneira dos seres humanos compreenderem o mundo em que vivem. Todas as imagens que se vê, todos os sons que se escuta, o cheiro que se sente, desta maneira tudo que é inerente aos sentidos dá ao indivíduo e ao ambiente características particulares que são identificadas e identificáveis pela percepção (PERUZZOLO, A. C., 2004). Então a “realidade” de uma pessoa é representada para elas mesmas e para os outros, por meio de elementos sígnicos. Da mesma maneira, o raciocínio dá significância às (es)histórias que se escuta, e é por meio destes sentidos que os indivíduos organizam suas experiências na percepção e na sensação dentro de uma enunciação. Assim, por meio destas significâncias, os agentes atuam no palco do espaço estudado. Uma cultura se mantém a partir da vivência de uma comunidade, e os códigos, os sinais e símbolos culturais estão presentes nas culturas, tanto no meio abstrato quanto no meio material, tanto na manifestação da linguagem quanto da paisagem concreta, assim, são englobados no universo da percepção humana tornando-se objeto de estudo para a Semiótica e a Geografia Cultural.

O signo tem sido fundamental na maior parte das indagações filosóficas e nas correntes de pensamento. Segundo Peruzzolo, A. C. (2004, pag. 39), “[...] sua abordagem tem implicado questões que vão da teoria geral do conhecimento à lógica e à metafísica”. O conceito de signo, não se afirma como algo somente sensível, mas também como algo mental, porque as estruturas que formam nossa percepção da natureza funcionam exatamente como uma mensagem tomada como materialidade que necessita da categoria de “informação” para explicar o jogo das representações que são estimuladas na sua recepção.

Para os antigos pensadores gregos, que já trabalhavam com conceitos de signo, “semêion” que vem do verbo sécnon, este quer dizer “cortar”. Na concepção dos gregos, o signo era uma coisa maior, o signo é um original, onde o sujeito humano se apodera de parte deste signo (cópia), usando conforme suas ações e

aplicações na sua vida dentro da Pólis (PERUZZOLO, A. C. 2004). Vemos este conceito afirmado nos processos de semióse que é a (re)produção continuada de um sinal que é um sinal de outro. A ideia mais comumente aceita hoje é que o signo é algo que é colocado no lugar de outra coisa, por isso ele é um “entre” dois comunicantes exercendo a função de mediação no agenciamento e troca de sentidos. Porém o signo não é só uma matéria perceptível, embora seja uma substância, ele não está em nenhum sujeito porque ele (o signo) é um produto mental que se forma numa cadeia de relações. Isto monta uma espécie de negociação, de composição mental, que tem cinco elementos básicos, como afirma Peruzzolo, A. C.:

Aquilo que funciona como substituto do signo; os comunicantes que o tomam nesta condição; aquele outro elemento que se liga ao signo como sentido, isto é, a ideia mental da coisa “o significado”; a coisa real ou originada real, da experiência “o referente”; o elemento material externo do qual o signo é correspondente, razão pela qual este lê/identifica aquele. (PERUZZOLO, A. C. 2004, pag. 54).

Assim se vê que a unidade sígnica é algo abstrato, ou mental, não se trata de algo material que é o representame ou o sinal, mais sim no nível da percepção que serve para representar ou evocar algo distinto dele mesmo, uma situação significada que não se identifica com o objeto referenciado. Hoje, segundo a Associação Internacional de semiótica, coloca-se na categoria conceitual da semiótica o “estudo geral dos signos” (ECO, 1980), mas a ciência semiológica, além disso, estuda em seu conjunto de saberes, teorias e metodologias aplicando seu conhecimento no aspecto da significabilidade, isto é, o poder que os sinais em uma matéria significante têm de significar. Podemos enquadrar a semiótica na “[...] ciência que estuda todas as linguagens e a técnica de leitura dos signos, estes presentes em qualquer fenômeno de produção de sentido”, como afirma Peruzzolo, A. C. (2004, pag.41). O signo já não é apenas uma categoria conceitual, e sim, uma teoria fundamentada na importância e na eficácia de lidar com os fenômenos, em juízo a priori e em juízo a posteriori. No caso do estudo da semiótica humana, o enfoque é voltado para a significabilidade, que vai desde as formas verbais, até o tratamento dos fenômenos culturais como: sistemas de signos teorizáveis, por exemplo: os gestos, as linguagens, as imagens, as vestimentas, os jogos, os sons, etc. A semiologia assume em si todas as formas significantes dos homens, porque o ser-no-mundo do humano é simbólico, e os fenômenos se dão através da faixa

perceptível do homem, e esta percepção é classificada, organizada e inteligível de alguma maneira.

O modelo de signo trabalhado por Saussure, F. no livro: Curso de linguística geral (1975) liga-se apenas ao modelo linguístico. Trata-se então o signo, como uma entidade psíquica bifacial onde seus constituintes são: o significado e o significante. Como um liame indissolúvel, o significante é a imagem acústica da coisa, o significado é o conceito. Então o significante fica no plano da expressão, enquanto o significado se enquadra no plano do conteúdo. Colocando em outro patamar, a dinâmica constituída pelo conceito de signo no par expressão/contéudo, atribuindo para cada um dos campos, dois modos de ser: substância e forma, e isso nos ajuda a pensar no signo e nas leituras semiológicas de outra maneira que não a verbal.

O que o signo lingüístico une, não é uma coisa e um nome senão um conceito e uma imagem acústica [...]. O signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...]. Chamamos signo à combinação do significado com o significante. (SAUSSURE, F. 1975, pag. 80).

Podemos perceber desta maneira que o modelo de signo adotado por Saussure é englobado dentro da linguística. Como afirma Nöth, W. (1996, pag. 30), “[...] é uma concepção mental: exclui o referente e concebe a significação de modo estrutural.” Por exemplo: a palavra “árvore”. O som da palavra é emitido por cordas vocais e entra no sistema auditivo do receptor com um formato, que chamamos de imagem acústica, podendo ter timbres diferentes, porém, a forma fonética adotada por essa palavra é que a denota como tal, e liga-se com um conceito previamente adotado pela pessoa que recebe essa forma fonética.

Mais tarde, Barthes, R. apud Peruzzolo, A. C. (2007), vai estender o conceito saussureano de signo semiótico além dos limites linguísticos. Entretanto é Hjelmslev Apud Nöth, W. (1996) que encontra a enorme dimensão do espaço semiótico no campo do significado como “contéudo” e significante como “expressão”, colocando em outro nível o conceito de signo, e tornado possível conceber outras semiologias que não a verbal.

Charles Sanders Peirce, em 1977, contemporâneo de Ferdinand Saussure, é considerado uns dos maiores intelectuais estudiosos da semiótica clássica, ele afirma que o signo é uma função triádica ao qual denomina semióse. Os três elementos que compõe a função: (1) uma base que representa a fundamentação,

um signo-veículo, constituído a partir do representâmen<sup>2</sup> (representâmen sendo o sinal material); (2) aquilo que é representado, o objeto; (3) um outro signo que faz uma conexão interpretativa entre a arbitrariedade que separa representação material (sinal) e o seu referente (objeto), o interpretante. Sendo desta maneira, afirmado que um signo se dirige a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez mais desenvolvido. Por isso Peirce fala que o signo é algo que está no lugar de algo para alguém.

Um signo, ou representâmem, é tudo aquilo que, sob certo aspecto ou medida, está para alguém em lugar de algo. Dirige-se para alguém, isto é, cria na mente desta pessoa um signo equivalente ou mais desenvolvido. Chamo este signo que ele cria de interpretante do primeiro signo. O signo está no lugar de algo, seu objeto, porém, não em todos os seus aspectos, mas apenas com referência a uma espécie de idéia (PEIRCE, C. S. 1977, pag. 67).

Assim, o conceito de signo toma forma de representação, isto é, a condição de todos os signos estarem no lugar de outra coisa, representando-a. Essa função não é dada pelo sinal material, mas nossa mente que constrói essa relação, formando uma entidade mental denominada signo. Sendo o representame o sinal material. O signo veículo, um signo que tem papel de função no processo relacional entre instâncias. O interpretante é um signo equivalente ou mais desenvolvido que decodifica o sinal. O objeto é um signo que representa a coisa, isto é, aquilo que é representado na mente do sujeito, mas não em todos os seus aspectos.

A semióse então é uma relação destes três elementos (signo-veículo, ligado ao representâmen, objeto, interpretante), como afirma Eco, U.:

Tudo aquilo que determina que alguma coisa (seu interpretante) se refira a um objeto ao qual ele próprio, o signo, de igual maneira se refere (seu objeto) tornando-se o interpretante, por sua vez um signo, e assim por diante, ad infinitum. (ECO, U. 1980, pag.18)

Assim, a semióse toma um caráter infinito (questão da semióse infinita), porque seus elementos estão imbricados e se relacionam em um sistema aberto que estão dentro do processo de interpretação, conceito e percepção dos sujeitos humanos. Peruzzolo A. C. cita (2004, pag. 86): “Assim, o interpretante, que é um

---

<sup>2</sup> Representame ou representâmen é a matéria, segundo Peirce. O signo só tem existência na mente do receptor a partir do ‘Signo-veículo’ e não no mundo exterior, assim, para algo ser Signo algo tem que ser interpretado e construir assim a semióse.

signo que 'interpreta' o primeiro elemento dado como signo, gera outro signo que, por sua vez, gera outro, e assim sucessivamente, numa cadeia infinita em que o objeto de um signo e seu interpretante serão sempre outros signos”.

A partir destas conceituações verificamos que a semiótica trata de examinar os processos de organização dos elementos que compõe os fenômenos culturais materiais e abstratos, e desta maneira, mostra como esses fenômenos, que estão inseridos dentro da sociedade, fazem parte das suas forças constitutivas. Quanto à percepção do indivíduo, que é agente atuante no processo de manutenção da cultura, e desta maneira, um ator social, dizemos que o signo é um formador/organizador das relações humanas que se constroem no social.

### **3.2 Uma Nova Ruralidade:**

O espaço geográfico pode ser analisado em diversas dimensões e esta pesquisa destina-se a partir de uma ruralidade, entender as relações do ser humano e seu modo de vida dentro desta ruralidade, sendo assim, há toda uma Semiótica envolvida em um local que foi construído e estruturado na agricultura familiar, onde desde a primeira geração de colonos, foi instituída a produção agrícola. Junto com a produção de subsistência, a produção de uva foi a que se projetou mais ligada à cultura dos imigrantes italianos. Foi justamente esta cultura de produção, que nos últimos anos tem impulsionado a economia da localidade através do empreendedorismo das famílias vinculada ao vinho e ao turismo (COSTA,R. et al 1974), (FROSI, V. M.; MIORANZA, C. ,2009), (FALCADE, I. 2005, 2011), (GIRON, L. S., 2007), (VALDUGA, V. 2006, 2011).

Quando nos referimos ao rural em si, há algumas diferenciações que permitem que consigamos analisar um espaço e caracterizá-lo através das intensidades de informações que as estruturas e as formas promovidas pelas ações dos indivíduos e da coletividade como produção de alimentos, maior contato com a natureza, maior interação entre as pessoas que se conhecem mais diretamente. Desta maneira, as representações trazem consigo vários elementos o que existe na particularidade de cada localidade (MEDEIROS, R. M. V., 2009, 2013).

A ruralidade entendida como um modo de vida inserido num espaço, e em determinado tempo significa uma sociabilidade, ou podemos dizer ainda, uma

cultura vivida e compreendida diferentemente do modo de viver no urbano, esta ruralidade tem relação com o ser e o meio. A condição territorial tem como elo a cultura da ruralidade, um modo de ser e de viver que está relacionado com as ações de indivíduos e coletividade (como atores sociais na concepção de Di Méo, G.; Buléon, P. 2007) na qual há uma construção histórica e social do rural.

Neste sentido, as pessoas que vivem na Linha Leopoldina têm enraizado em suas ações nas suas representações um reflexo dos valores culturais herdados dos seus antepassados. Desta maneira, essa nova ruralidade deve ser compreendida através das suas especificidades e representações do espaço no que se refere ao território e aos símbolos, bem como o lugar onde se vive, isto é, a territorialidade e a identidade.

Uma ruralidade compreende a relação entre o modo de viver com o ambiente rural, com isso, o ser (indivíduo e ator social), no seu aspecto ontológico de habitat “o lugar onde vive” cria um sentimento de pertencimento naquele espaço, e isso é representado através das ações que estão imbuídas de valores que se manifestam na construção de formas na paisagem, incumbindo um caráter de fenômeno espaço-temporal no rural.

#### **4. ALGUMAS OBSERVAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A REGIÃO E LOCALIDADE:**

É importante para a compreensão dos aspectos culturais, bem como as heranças culturais presentes no Vale dos Vinhedos e na Linha Leopoldina, uma consideração histórica. Sem a pretensão de esgotar o assunto, os pontos de vista, dentro do espaço e tempo da pesquisa aqui colocada, mas sim, enriquecer em termos de construção da inteligibilidade e fundamentos da vitivinicultura na cultura local.

Há uma vasta bibliografia no que se refere às questões históricas da região de imigração italiana no Rio grande do Sul. No Vale dos Vinhedos não poderia ser diferente. Durante muitos anos, pesquisadores das inúmeras áreas do conhecimento têm produzidos trabalhos científicos voltados para uma análise espaço Vale dos Vinhedos. Sendo assim, várias referências podem ser colocadas para o desenvolvimento de uma construção histórica da região, mas a intenção aqui é dar

uma melhor compreensão do contexto histórico cultural que esta inserido o espaço da Linha Leopoldina.

A política de imigração do império brasileiro no século XIX, começa quando transformações sócio-espaciais começam a se desenvolver na Europa. Países como a atual Itália, no século XIX ainda não era integrada e tinha estados independentes, sendo assim, não era uma nação unificada e sofria de problemas sociais graves. Em Valduga, V. (2007), é destacado que o governo local de alguns estados independentes na atual Itália criam programas de imigração para tentar resolver estes problemas sociais.

O Sul do Brasil se destaca historicamente por inúmeros confrontos de território. Portugueses e espanhóis com muita frequência na história das fronteiras da região entram em guerra para conquistar este espaço. Sendo assim, sempre foi necessário manter o território na região. No Nordeste do Rio Grande do Sul<sup>3</sup> do século XIX, havia áreas com densidade demográfica muito baixa. Assim, o império do Brasil destinou os assentamentos dos imigrantes para estes locais com a intenção de manter o território. Os imigrantes receberam lotes de terra, até este momento terras devolutas, que então seriam comercializadas com parcelas do crédito que foi concedido na negociação. Sendo demarcados os lotes segundo a Lei de Terras de 1850, e o regulamento colonial de 1867.

As primeiras colônias na Encosta Superior do Planalto do Rio Grande do Sul foram as de Conde D' Eu e Donas Isabel (atualmente Garibaldi e Bento Gonçalves, respectivamente), criadas pela presidência da província, assumida por João Setório, que desejava ampliar a área de colonização em 1870, criando por ato de 24/05/1870 as colônias citadas anteriormente. Antes que se iniciasse o processo de imigração italiana no Estado, o governo da província já planejava os parâmetros para a incorporação de população no território com abrangência de trinta e duas léguas quadradas. O trabalho de demarcação dos lotes foi coordenado pelo major José Maria da Fontoura Palmeiro, e exigiu o investimento do governo Real, de setenta

---

<sup>3</sup> Usando como referência Frosi, V. M.; Mioranza, C. (2009), os limites cartográficos da Região de colonização italiana no Rio Grande do Sul é objeto de vários estudos específicos. Devido suas flutuações e pelo fato da divisão política ser construída historicamente, sabemos que há dificuldade em delimitar área exata da influência italiana. Como a intenção aqui é fazer apenas uma observação histórica para entender melhor a Linha Leopoldina, que faz parte dessa Região, nos limitaremos a usar o termo desta maneira.

contos de réis. O agente e intérprete Luiz Walter no livro Memórias de Bento Gonçalves (1999), organizado por Paris, A. nos informa que:

Para poder povoar esta colônia com alguma probabilidade de sucesso, será necessário não só aperfeiçoar as estradas, a fim de que os colonos recém chegados alcancem seu terreno habitados; assim como se crie uma diretoria própria da colônia, com casa e moradia para o diretor, entre outros investimentos que garantam ao imigrante as condições e garantias de que tanto carece uma nova colônia. (PARIS, A. Pag. 41,1999)

Segundo Paris, A. (1999), para ocupar o espaço, o governo provincial firmou contrato com empresas privadas, que deveriam introduzir um número consideravelmente grande colonos em um prazo de dez anos. Mas em primeiro momento, o governo da província não obteve êxito. Os motivos foram muitos, isso porque esse tipo de contrato com empresas privadas e também contratos do governo central, isto é, o império do Brasil não investia devidamente no processo, o governo da província com menos recursos, pagava menos para os transportadores trazer os imigrantes para a região.

Além disso, na Europa central havia uma prevenção generalizada contra o Brasil no que se referia a questão da imigração, principalmente na Alemanha, por causa dos imigrantes alemães não foram amparados como afirmava o governo brasileiro nas políticas de migração. Desta maneira, o número de imigrantes não era significativo no primeiro período. Em 1872 chegaram 1.354 imigrantes, no ano seguinte 1.607, no ano de 1874 foram 580 e no de 1875 só 315<sup>4</sup>. Por isto em 1874, existiam apenas 19 lotes em Conde D'Eu que estavam sendo cultivados, com apenas 74 pessoas vivendo no local. Desestimulado por esse quadro de insucesso, o governo provincial desistiu de administrar a colonização da área, e repassou-a para o governo imperial.

É em 1875, então sob a administração do governo da união, que começou a chegar a primeira leva de imigrantes italianos na colônia de Dona Isabel, sendo divididas pelo caminho em que seguia os tropeiros que passavam pelo local denominado de Maratá, em direção ao rio das Antas. Segundo os dados do Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves, em 24 de dezembro de 1875, a região começou a receber novos imigrantes e em março 1876, o governador do estado

---

<sup>4</sup> Referências e números informados pelo livro: Memórias de Bento Gonçalves, Paris, A. 1999.

José Antônio de Azevedo Castro anunciou a existência de 348 lotes medidos e demarcados e uma população de 790 pessoas sendo 729 imigrantes italianos.

O início do povoamento, segundo pesquisas bibliográficas, foi marcado por inúmeras dificuldades. Os imigrantes ao chegarem eram recebidos por uma comissão que tinha o trabalho de demarcar e construir barracões para os colonos. O imigrante tinha que fazer o registro na sede da administração da colônia e depois, então era enviado ao seu lote. Nem sempre a legislação era cumprida, a comissão de terra deixou a desejar, no sentido de amparar o colono, houve arbitrariedade no preço e na distribuição dos lotes. Até se instalarem em seus lotes os colonos viviam alojados em barracões, se alimentando de caça, pesca e frutos silvestres e do pouco que fornecia o governo.

Embora os imigrantes italianos tenham encontrado o Rio Grande do Sul mais organizado, no sentido social e econômico, do que os imigrantes alemães em 1824, eles tiveram que enfrentar dificuldades semelhantes. Devemos considerar que ambas as colonizações tenham sido feitas em zonas de vegetação densa e primária, porém, as áreas de ocupação italiana eram mais altas em relação ao nível do mar e com aclives/declives muito mais íngremes. Enquanto a colonização alemã atingiu seu ponto máximo em altitude de Nova Petrópolis (597 metros de altitude), a italiana se localizou em altitudes que variavam entre 600 e 900 metros, Giron, L. S. (2007). Isto porque a colonização alemã seguiu os vales dos rios de parte da Depressão Central, interrompendo-se nas encostas inferiores da Serra Geral. Diferenças tênues, porém, ambas as colonizações tiveram que enfrentar os desafios de um espaço selvagem, e transforma-lo através da construção do espaço pelo humano, no empreendedorismo e reciprocidade entre os atores sociais.

Em 1877, Colônia Dona Isabel sediava três casas comerciais, duas padarias, uma fábrica de chapéus e um total de 40 casas comerciais em todo o território da colônia. Ao se instalarem, iniciaram uma agricultura de subsistência representada pelo cultivo do milho, trigo e uva (Giron, L. S.; Radünz, R., 2007). As primeiras indústrias artesanais com característica doméstica e utilização apenas de mão de obra familiar, o incipiente comércio de venda, compra e troca de produtos surgiram com a produção de excedentes agrícolas e produção de animais. A troca, compra e venda de produtos era feita na sede da colônia, após longas caminhadas por

estreitas picadas (trilhas abertas no meio da mata), demarcadas pelos próprios imigrantes. Entre os imigrantes havia ferreiros, sapateiros, marceneiros, alfaiates, carpinteiros, entre outros profissionais que estabeleceram seus negócios dentro de suas especialidades, atendendo as necessidades locais.

Nas figuras a seguir (5 e 6) temos a constatação de algumas atividades realizadas nessa época. A habilidade das pessoas e suas práticas é que atendia as necessidades locais, havendo assim, uma reciprocidade de serviços entre os habitantes.



Figura 5 e 6: Ferreiro em 1932 e tanoaria Franzoni em 1920. Fonte: Museu do Imigrante.

A emancipação de Bento Gonçalves aconteceu em 1890, fazia parte do município então as colônias de Dona Isabel e parte de Conde d'Eu (Pelo ato n°474 de 11 de outubro de 1890).

Organizado em distritos denominados: Vila Zemith, Palmeiro, Azevedo de Castro e Conde d'Eu. As mudanças Geográficas no decorrer dos anos fizeram com que alguns distritos se emancipassem (No caso Monte Belo do Sul que era distrito em 1897 se tornou município em 1992, e Garibaldi se tornou município em 1900).

Pela Lei municipal n°1805 de 17 de agosto de 1990, Bento Gonçalves criou o Distrito Vale dos Vinhedos<sup>5</sup>, sendo constituído pelas linhas: Leopoldina, Graciema e

<sup>5</sup> Referências e informações mais detalhadas na dissertação de Valduga, V. (2006).

Zemith<sup>6</sup>. Este distrito é composto por Linhas e Capelas, e assim, divididas em comunidades e nomeadas de acordo com a capela local ou conforme a numeração das terras destinadas aos imigrantes. As Capelas que estão na Linha Leopoldina e que fazem parte do estudo aqui trabalhado são: A Capela Nossa Senhora das Neves, Capela das Almas, Capela da Glória e Santa Lúcia.

Colocado aqui que o Vale dos Vinhedos foi colonizado desde 1875 por famílias provenientes principalmente do Trento e Vêneto na Itália, estes tinham na bagagem as primeiras mudas de videira para tentar produzir na nova terra. O cultivo de inúmeras espécies para a subsistência foi fundamental na sustentação local e até mesmo uma pequena comercialização interna. Assim, na medida em que o intercâmbio com outras regiões começou a tomar proporções maiores, a produção de vinho tomou frente na comercialização com regiões onde a logística permitia até então. A viticultura era um costume, um hábito que fazia parte da prática dos imigrantes.

Mais tarde, com o decorrer dos anos, há uma expansão da vitivinicultura. Entre 1930 e 1960, o predomínio das uvas americanas se destaca no espaço dando um aspecto de monocultura pelo domínio das mesmas. Transformações na estrutura da legislação para a produção implicou mudanças na produção, no que se refere a elaboração dos produtos, conservação e comercialização, FALCADE, I. (2011).

A criação de cooperativas auxiliou nas condições de expansão de produtos agrícolas e principalmente na agroindústria vinícola, sendo esta a responsável pelo desenvolvimento econômico da região. E da mesma maneira a transformação do espaço rural foi acompanhando as mudanças e desenvolvimento através das especificidades de cada local. Apesar de haver poucas diferenciações no sentido de alguns serem mais rurais outros nem tanto, entendemos o espaço como um fenômeno singular em determinado e específico espaço e tempo.

Em 1967, Bento Gonçalves passa por uma grande transformação, através da ação de atores sociais com o intuito de desenvolver a economia e caracterizar a região como grande produtora de uva e derivados, assim, com a ajuda de lideranças e a colaboração de toda a comunidade, acontece um marco histórico na cidade: é

---

<sup>6</sup> Mais tarde em 1992, Zemith tomara outra fronteira política, parte dela é atualmente em Monte Belo do Sul.

inaugurada a primeira FENAVINHO, a festa nacional do vinho. O município foi visitado pela primeira vez pelo Presidente da República, o General Humberto de Alencar Castelo Branco (figuras 7 e 8), e a economia do município de Bento Gonçalves foi apresentada e divulgada em todo o Brasil, com a intenção política de tornar o município e a região conhecida pela produção de uva.



Figura 7 e 8: Cooperativa vitivinícola Aurora, e foto da visita do Presidente da República 1967. Fonte: Museu do Imigrante.

Assim, começou a se desenvolver o setor vitivinícola no sentido quantitativo, qualitativo, e também com a abertura do vinho no mercado externo, estratégias políticas como as instituições sindicais e associação de produtores começam a tomar ações que fazem parte da história do município e do local.

O município começa a se destacar e impulsionar sua economia para o turismo de negócios e começa a sediar eventos de grande porte, como FENAVINHO (Festa Nacional do vinho), EXPOBENTO (Feira da pequena e micro empresa de Bento Gonçalves), FIMMA (Feira internacional de máquinas, matérias-primas e acessórios para a indústria moveleira) e FIEMA (feira Internacional de Tecnologia para o Meio Ambiente).

Através dessas informações históricas temos alguma noção da importância da vitivinicultura para a região e para a Linha Leopoldina. Também vários trabalhos nos mostra como referência nesses dados, destacamos as etapas da vitivinicultura de Falcade, I. (2011) que divide em quatro etapas a cultura da uva na região: período da policultura; expansão da vitivinicultura, especialização da vitivinicultura e espacialização da vitivinicultura. Cada etapa está vinculada às questões sociais históricas e geográficas da qual região está inserida.

A policultura no início da colonização era fundamental para a subsistência das pessoas que imigravam para o Brasil, se caracteriza por ser um momento histórico no qual os imigrantes precisam praticar a policultura para sua subsistência, também, um levantamento em obras sobre a região mostra que a videira fazia parte da identidade dos italianos e seus descendentes Gardelin, M.(1988); Giron, L. S. (2007); Paris, A. (1999).

Depois por volta de 1930 a 1960, o direcionamento para a vitivinicultura provocou um incremento e melhoramento da produção, foi a expansão da vitivinicultura. Com a criação de cooperativas vinícolas aumenta a qualidade da produção vitícola, da mesma maneira que aumento na quantidade da produção. A atividade vitivinícola nesta época também incentiva outros setores industriais na região, mas ainda neste segundo momento há uma pequena transformação no espaço rural.

Então a partir da década de 1970, a especialização da vitivinicultura começa a se desenvolver de maneira qualitativa na produção com o aumento na quantidade de vinhos finos, e o surgimento de novas vinícolas, esta produção já se ratificava referência regional de comercialização devido sua expansão e produção. Começa então o interesse em organizar a Indicação Geográfica<sup>7</sup> no espaço, porém, é só mais tarde, na década de 1990 que começa a se planejar e trabalhar para a construção de uma representação geográfica para a região.

Enfim o quarto período por volta de 1990, a espacialização da vitivinicultura, começa a surgir vinícolas que embasadas pela Indicação Geográfica, que resumidamente podemos explicar como as representações construídas por meios legais e institucionais que ratificam e legitimam características do ambiente físico e humano, a caracterização desse espaço, confirmam na certeza do consumidor destes produtos os determinados aspectos na produção de vinhos, cereais, queijos, azeite, carnes, etc. São produtos com referência de produção neste espaço determinado cujas qualidades e/ou características se devam exclusivamente ou

---

<sup>7</sup> Indicação geográfica se refere às características do meio físico e humano que compõe o espaço e é legitimado por instituições que são responsabilizadas por este propósito, é um conceito melhor trabalhado em Falcade, I. (2005, 2011).

essencialmente ao meio geográfico, que vão denotar a qualidade do *Terroir*<sup>8</sup> do espaço. Podendo ser divididas em Indicação de Procedência (IP) ou Denominação de Origem (DO), e se diferenciam pelos critérios adotados para a concessão dessa indicação, a Denominação de Origem é mais rigorosa na qualidade na produção da vitivinicultura e torna-se referência no que se diz respeito à produção de vinhos.

## 5. ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIAIS E TERRITORIAIS:

Tendo em vista que o Vale dos Vinhedos está dentro dos processos de desenvolvimento territorial (na perspectiva econômica do capital de desenvolvimento) os processos de globalização abrem margem para questões como: pode o território<sup>9</sup> se organizar em um avassalador processo de mudanças globais que penetra e influencia todos os espaços? Como as políticas (re)agem dentro dessas diretrizes que parece oprimir alguns efeitos cujos fenômenos se constroem historicamente e fazem parte do espaço bem como do território?

O território do Vale dos Vinhedos foi construído historicamente, isto é, contando desde a colonização, por um número pequeno de famílias que desde o ano da colonização 1875 teve como base a cooperação e a reciprocidade, essa cooperação persistiu ao longo do tempo e pelo fato de ser um número razoavelmente pequeno de pessoas que vivem na localidade, é possível para as pessoas que vivem na Linha Leopoldina, conhecer com certo nível de intimidade seus vizinhos e sua comunidade. Assim, a racionalidade do agricultor é orientada por vínculos sociais dados pela tradição, pela comunidade e que se traduzem em regras não redutíveis a elementos puramente econômicos, (Abramovay, 1998).

---

<sup>8</sup> Terroir é um conceito amplo e complexo, tem um cabedal digno de vários estudos e pesquisas relacionadas ao termo. Assim, em poucas palavras e limitadamente explicamos aqui como: um conceito que se refere à Geografia do local em questão, atrelando com as características e qualidades do produto que é intrínseco ao espaço de Indicação Geográfica.

<sup>9</sup> Uma vez que o território é um conceito amplo e de diversos enfoques dentro da Geografia, aqui é trabalhado dentro dos aspectos culturais, e desta maneira, percebemos que os elementos do território estão imbricados em suas definições.

Então, em uma condição social onde há um número limitado de atores sociais e grande informação sobre o comportamento de cada ator, cria uma rede de relações de confiabilidade entre os habitantes. Neste caso, por se tratar de uma população de algumas dezenas de famílias a cooperação é facilitada pelo fato de se tratar de uma construção de laços comunitários, estes laços são a base social do território no qual a confiabilidade é grande entre os agentes, uma vez que o conhecimento do comportamento de cada um é parte do cotidiano.

Portanto, neste espaço é possível entender que há reciprocidade, cooperação, um número limitado de atores sociais além de grande conhecimento sobre a reputação de cada indivíduo. Assim, a cooperação entre os indivíduos também gera significados positivos e negativos, dependendo de cada eventualidade.

O que se demonstra evidente no Vale dos Vinhedos é o fato da cooperação estar sempre presente no histórico local. E os fatos históricos se relacionam com os exemplos de superação de dificuldades. O movimento da sociedade/comunidade é orientado pela construção e o desenvolvimento das estruturas comunitárias, e assim, o sentimento de pertencimento converge para responsabilidade com os demais conterrâneos. Como afirma Valduga, V. (2011) no texto:

O indivíduo que tem consciência do seu “eu” passa a ser sujeito na condição de “nós”, isto é, o indivíduo no seu egocentrismo expressa o seu sentido de inclusão, de convívio social, de altruísmo. Sua consciência de si e de se conhecer, reconhecer sua origem, seus ancestrais permite que ocorra a convivência com o outro, mesmo que o outro seja diferente em alguns aspectos, sobretudo físicos, mas será parecido nas condutas, formas de pensar e ações. (VALDUGA, V. Pag. 51, 2011).

Através desses elementos de sentimento de pertencimento e desenvolvimento coletivo é possível verificar uma forte territorialidade de vínculos culturais na multidimensionalidade do vivido da Linha Leopoldina, uma vez que a convivência entre os moradores e a confiança atribuída uns aos outros permeia as várias ações que estão presentes na organização do espaço cultural.

## **5.1 Pontos a ser considerados no espaço social e cultural:**

Consideramos o espaço social como um intermediário entre os símbolos e a natureza, tanto trabalho quanto produto, sendo assim, a relação entre os indivíduos

e a sua moradia num espaço particular, com suas linguagens particulares que articula relações entre estes indivíduos e caracteriza um espaço social, segundo Lefebvre, H. (1984). Podemos relacionar assim a concepção teórica de Henry Lefebvre com os indivíduos que vivem na localidade da Linha Leopoldina. A relação familiar e social é particular entre eles e é característica da espacialidade rural voltada para a cultura dos vinhedos, onde esta territorialidade compreendida pelas relações entre as pessoas, sociedade e a natureza é imbuída pelo espaço vivido. O plano familiar é preponderante neste contexto espacial. Estas pessoas assim emanam signos no território, podendo ser exemplificado na própria ação mediadora entre homem e o meio na prática alimentar, o cultivo de videiras, o dialeto do Vêneto impregnado no discurso, a maneira do indivíduo de se relacionar com a comunidade na vizinhança, etc. Assim, estes signos produzem as paisagens através destas ações e experiências com o espaço.

Na ideia de produção do espaço de Henry Lefebvre (1984), a relação de espaço produzido e espaço de produção, isto é, o espaço produzido pelo homem e o homem produzido pelo espaço, há a intermediação da comunicação no espaço de representação. Então, a expressão semiótica do espaço se produz, uma vez que os signos determinam a prática positiva e subjetiva deste ambiente, na medida em que as ideologias presentes nas ações das pessoas são inerentes a construção deste lugar<sup>10</sup>. Neste sentido, a cultura dos imigrantes italianos<sup>11</sup> tem uma intensa presença no modo de vida das pessoas que vivem neste espaço rural. Estas pessoas, que na maioria dos casos investigados<sup>12</sup> são conseqüentemente descendentes destes imigrantes, herdaram nas relações de família e de sociabilidade, os símbolos que integram as características do espaço em questão. Para Claval (2007) o espaço social e cultural pode ser compreendido no aspecto de:

As categorias sociais que nos são familiares, porque são conformes às convenções e às normas de nossa cultura, não são universais. A maneira de definir os grupos de parentesco, as responsabilidades e os papéis dos homens e das mulheres, a autoridade reconhecida aos velhos e aos adultos, o estatuto do adolescente e da juventude variam de um lugar para outro. Uma das tarefas da geografia cultural é mostrar como os sistemas de

---

<sup>10</sup> O conceito de lugar entendido aqui é o mesmo abordado por Guy di Méo (2007).

<sup>11</sup> Refere-se aos primeiros imigrantes que colonizaram a localidade em 1875, ver Costa, R. et al. (1974).

<sup>12</sup> Diário de campo realizado pelo autor deste trabalho para o projeto de pesquisa de mestrado (em 2011).

valores se traduzem pelas articulações específicas do social. (CLAVAL, 2007, pag. 82)

Na interação do espaço percebido, concebido e vivido, temos uma inteligibilidade de como se processa estas representações do espaço. Nas entrevistas realizadas em campo, as declarações dos habitantes se revelam intrínsecas com o lugar, e quando fazemos a análise dos discursos numa perspectiva de entender os signos presente na ação discursiva, compreendemos consideravelmente a representação cultural desse espaço. Assim, a relação do indivíduo com a terra, numa concepção mais fenomenológica de espaço social, no que se refere ao ser e a cultura destes indivíduos, pode analisar a importância deste lugar e desta terra para cada pessoa que vive da produção de vinhos. No que pode se entender sobre a representação do lugar, a importância é preponderante para a manutenção da cultura e da territorialidade destes indivíduos.

Neste encadeamento de enfoques, distinguimos a relação híbrida dos espaços de representação e o espaço representado, que se arquiteta nas questões significativas dos efeitos de sentido do lugar. O espaço representado está relacionado com as questões fenomenológicas, uma vez que, o tempo é imediato ao espaço, isto é, o espaço é projetado no fenômeno apresentado no momento. A concepção semiológica do espaço de apropriação<sup>13</sup> enfatiza-se desta maneira, as relações do humano com a natureza e a sociedade.

Então os aspectos espaciais que se caracterizam como comuns dentro de um tempo, faz uma relação interativa dos elementos que compõe o espaço social como a intencionalidade, a representação e os símbolos presentes que formatam a cultura e o cotidiano vivido. Algumas normas de condutas da própria cultura estão no espaço de representação e se revelam na reprodução do capital, do trabalho e dos espaços de apropriação e de dominação. Nas entrevistas realizadas, os indivíduos contam sobre aspectos culturais, da maneira de trabalhar com a fabricação artesanal de vinho e o plantio das videiras. Todo esse conhecimento é passado de geração para geração e é um aspecto fundamental da cultura no Vale dos Vinhedos.

---

<sup>13</sup> No conceito de espaço de apropriação de Lefebvre (1984).

A territorialidade determinante para a construção de uma cultura presente na ação destes atores, na realização da produção espacial, se dá pelas práticas de comunicação entre os indivíduos deste espaço considerado e desemboca nas ações que influenciam no território de maneira geral. A fenomenologia retoma estas questões de vivência e experiência humana, assim, o tempo e o espaço se conjugam no tempo social (DI MÉO, G. 2007).

Au plus près de l'individu, il y a le temps vécu, perçu, celui de expérience sensible. Il est tentant d'en faire le pendant de espace vécu. Il en est très proche en tant que catégorie de pensée. C'est pleinement celui exploré par la phénoménologie<sup>14</sup>. (DI MÉO, G.; BULÉON, P. Pag.18, 2007.)

O cotidiano e o espaço vivido de uma sociedade se caracterizam pela multidimensionalidade das representações e pela relação comunicativa entre os indivíduos dessa sociedade (RAFFESTIN, C. 1993). Através da ação, os indivíduos contribuem para a construção do social, no modo de expressar sua cultura, e desta maneira, os discursos que estão impregnados de signos e significados que se esboçam através da alteridade e fazem parte de determinado espaço.

## **5.2 Conceitos territoriais para uma análise do espaço:**

Tendo em consideração o que DI MÉO, G.; BULÉON, P. (2007) aborda sobre os modelos teóricos e as ferramentas conceituais práticas, os conceitos de território, territorialidade, lugar e paisagem, temos um foco no qual podemos analisar um espaço material e ideal. Um espaço rural como o analisado na Linha Leopoldina é transformado em função de uma cultura de produção de vinhos, desta forma, o espaço contém em sua integridade tanto a ação dos indivíduos quanto a ação do coletivo na organização deste espaço, considerando também as relações de poder que estão inseridos nas hierarquizações da sociedade em geral. Isto acontece uma vez que o trabalho presente no meio rural para a produção de uvas exige além do conhecimento herdado pelos ascendentes na produção de vinho, também uma renovação do conhecimento por parte da técnica para na elaboração deste produto.

---

<sup>14</sup> Mais próximo do indivíduo, os tempos vividos, percebidos do lugar, que experimente o sensível. Que se faz durante o espaço vivido. Isto é muito próximo de uma categoria de pensamento. É uma maneira plenamente explorada pela fenomenologia.

Isto exige uma relação entre a sociedade e certa modificação no trabalho da cultura, este é um meio para atender a demanda exigente dos consumidores em geral<sup>15</sup>.

Paisagem, lugar, território e territorialidade são categorias conceituais que integram um espaço, assim, este meio que podemos chamar de espaço social, é identificado e apropriado por atores, agentes e indivíduos que o produzem. O território então seria uma combinação do concreto com as práticas e experiências sociais do cotidiano nas dimensões ideais das representações permeadas de signos. É desta maneira que no espaço físico em que se encontra na região, tem relação com a feição da comunidade que vive no local e atribui valores e significados para este espaço, o transformando em lugar. É o que acontece no sentimento de (não) pertencimento das pessoas com relação ao espaço de vivência comum, por exemplo: a casa, sua vizinhança, o trabalho do indivíduo como rural, bem como a cultura italiana que tem forte influência nas ações e nos discursos do dia-dia. Da mesma maneira o indivíduo pode não se sentir pertencente do lugar porque o ser humano através de suas experiências pode se manifestar com sentimentos de não agrado com alguns aspectos da qual o sujeito/indivíduo está inserido<sup>16</sup>.

As culturas externas também aparecem em alguns aspectos, tanto a cultura de massa dos meios de comunicação, quanto os industriais que chegam pelas influências externas e se apropriam do espaço. Temos assim, uma relação de influências de culturas, uma enraizada no local, e outras, desenraizadas e de caráter mais global.

Mas as características da cultura de raiz, a cultura cotidiana é uma referência semiológica do local, desta forma, o espaço se transforma em lugar para os moradores, percebe-se este sentimento quando perguntamos nas entrevistas do sentido e qual é o valor da terra para os indivíduos, e concluímos que há significados específicos inseridos neste contexto. A valoração da terra que pertenceu aos ascendentes e passou por herança para os descendentes, o sentimento de relativa igualdade entre os indivíduos que tem na convivência a sociabilidade que a produção de vinho proporciona.

---

<sup>15</sup> Contexto territorial e cultural presente no trabalho de Paulus, B. (2009).

<sup>16</sup> Apesar de não aprofundarmos aqui sobre as teorias, as categorias conceituais como topofilia e topofobia Tuan, Y. (1980) também são referências para tentar entender os indivíduos.

Na multidimensionalidade das interpretações e vivências numa esfera social, os indivíduos constroem seus territórios vividos, e fazem parte da intrínseca relação deste espaço de vida através de mediações e das relações sociais e espaciais. Os valores assumidos numa identidade de referência cultural estão diretamente relacionados com o espaço apropriado pelos indivíduos na territorialidade.

Os fundamentos da identidade podem estar relacionados primordialmente com o estudo do ser e do meio no qual este indivíduo esta inserido. A partir destes fundamentos, surgem indagações de qual a melhor maneira de analisar e tirar conclusões sobre o Vale dos Vinhedos, uma vez que a identidade está intrinsecamente relacionada com a tradição das pessoas na localidade. Por outro lado, a velocidade da informação nos dias atuais com o advento da internet, televisão a cabo, e até mesmo a proximidade do Vale dos Vinhedos com a cidade trás influências aos mais jovens que acabam se desvinculando da língua italiana, linguagem, costumes e cultura que fazia parte da vida dos ancestrais.

Devemos encarar então, o Vale dos Vinhedos, como um local plural e com fenômenos de relativa fluidez, no sentido que não pode-se estigmatizar a cultura local como sendo homogênea. É uma cultura que tem vínculos com as raízes dos ancestrais em determinados fatores, porém, dentro dos aspectos da mundialização e das opções tomadas no direcionamento do capitalismo que faz deste local único em suas características espaciais.

Podemos ver as dinâmicas de uma comunidade rural, que em alguns momentos parece inalterada enquanto ao reatamento com uma ligação com o passado, então temos que compreender o espaço através de forças culturais que influenciam os indivíduos.

### **5.3. A Paisagem na Linha Leopoldina como ferramenta conceitual de análise:**

A paisagem, no sentido das formas construídas no espaço rural está vinculada primeiramente ao uso do solo, e sem dúvida, nesta região espacial compreendida para esta pesquisa, a presença de videiras sobrepuja qualquer outro

tipo de cultura agrícola, isto vem embutido dentro de uma perspectiva sociocultural (FALCADE, 2007, 2011), transformando e identificando a paisagem através de uma relação cultural incorporada à cultura italiana que é a de produção de vinhos. Assim, as paisagens contêm em suas estruturas, informações coletivas de um significado, interpretado pelas ideologias culturais (DUNCAN, J. S., 2000).

Quando colocamos em discussão o conceito de paisagem sabemos que além de ser uma ferramenta teórica, é também um campo de estudo muito amplo e complexo. Desta maneira, esta dissertação faz uma análise através do método proposto para a realização do mesmo: busca o fenômeno no seu conteúdo inteligível. Em poucas palavras afirma Sarmiento, J. C. V. (2004, pag. 36) “O conceito de Paisagem é hoje em dia um instrumento poderoso de análise cultural”. Assim, a paisagem olhada como uma imagem é uma forma de analisar as formas, as estruturas, as funções e processos pelos quais formaram e constrói a paisagem como ela é, ou pelo menos, tentamos explicar isso através de construção de sentidos. Segundo Cosgrove, D., (1998), pode ser considerada um modo de ver associado as transformações sociais no decorrer do tempo.

Quando falamos em paisagem logo vem à mente imagens sobre o ambiente, então a qualidade do visível e a aparência deste lugar fazem com que o observador fique do lado de fora da imagem observada. Cada pessoa tem impressões diferentes nas suas sensações de visão, audição, paladar, etc. Essas sensações têm relação com a cultura na qual cada indivíduo faz parte, e assim, as paisagens são criadas pelas pessoas através de suas experiências e relações com o mundo em que estão inseridas. Cosgrove, D., (1998), afirma a compreensão de paisagem enquanto produto cultural, dentro dos significados que a paisagem produz entre sociedade e natureza, faz considera-la como uma expressão fenomênica do modo particular que uma sociedade esta organizada no espaço e tempo.

As relações têm diferentes graus de intensidade, sendo neste sentido, um conceito subjetivo, porém relevante para o estudo, uma vez que são através da paisagem que temos em primeira instância, condições de analisar o espaço e interpretar este, de maneira que as formas visíveis podem revelar muito sobre a cultura dos grupos. Assim, as inúmeras maneiras de ler a paisagens estão ligadas as intertextualidades que elas se referem, os textos são percebidos como

significados de práticas culturais que estão imbricados nos valores atribuídos ao meio como cita Duncan, J. S. (2004).

A leitura das paisagens para os Geógrafos pode ter várias dimensões, tanto no aspecto funcional quanto as formas que remontam o passado em um enfoque mais histórico de construção do espaço, ou ainda, numa visão utilitarista, que visa o interesse de satisfação das necessidades de determinada população. Mas o importante é que a leitura das paisagens não se baseie apenas em uma leitura, mas a relação do humano em suas infinitas dimensões com o espaço, que nos oferece uma leitura heterotrópica dos sistemas de valores que dá sentido para os indivíduos que vivem nestes ambientes (DUNCAN, J. S., 2000).

Ivanira Falcade (2007, 2011) faz um trabalho científico minucioso e com grau de enfoque muito mais detalhado sobre os aspectos da paisagem no Vale dos Vinhedos e Pinto Bandeira, na sua tese de doutorado, na dissertação aqui apresentada, o fenômeno material da paisagem é apenas uma ferramenta teórica que é analisada conforme as estruturas de signos que se manifestam no espaço, fazendo uma relação do ideal com o material e partindo de um determinado método escolhido e aqui aplicado.

Sendo assim, em um direcionamento teórico e histórico da Geografia para nos guiar metodologicamente sobre paisagem se demonstra relevante. Desta forma, lembramos um pouco sobre a Geografia humana clássica francesa, que direcionou os estudos da paisagem cultural para os gêneros de vida. Para (Vidal de La Blache apud Claval, P. 2007), a paisagem se forma a partir de instrumentos no qual os humanos se utilizam para construir e modelar as paisagens, e desta maneira, esses elementos estão relacionados pelas funções dos gêneros de vida. A maneira dos humanos valorizarem a terra, as matas, a cultura agrícola, e todos os elementos componentes da paisagem, é organizando seu tempo e trabalho para construir uma vida melhor no espaço.

A noção de gênero de vida permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios, ou as maneiras de habitar das diferentes civilizações: ela os organiza na sucessão dos trabalhos e dos dias e assinala como relacionam os hábitos, maneiras de fazer e paisagens. A ambição de Vidal de La Blache é explicar os lugares. (CLAVAL, P. 2007, pag. 33).

Verificamos então que as paisagens, neste contexto histórico da Geografia humana e cultural, esta intimamente ligada às técnicas, os utensílios que transformam e dão a ela um aspecto, conferindo-lhe uma identidade. Porém, o gênero de vida também enfoca a paisagem no âmbito das ações e dos hábitos, conferindo dimensões sociais, de comportamento e integrando noções ideológicas que estão vinculados nas questões ecológicas do espaço. Essa pode ser uma concepção humana na leitura da paisagem, que nos oferece um leque de informações importantes para compreendermos e interpretarmos a paisagem de maneira que a Geografia encontre elementos de análise para a ciência.

A cultura é para Vidal de La Blache e seus alunos, como para Ratzel e os Geógrafos alemães, aquilo que se interpõe entre homem e o meio e humaniza as paisagens. Mas também é uma estrutura geralmente estável de comportamentos que interessa descrever e explicar. Vidal realiza este trabalho, numa ótica neolamarquiana, muito sensível ao papel dos hábitos. (CLAVAL, P. 2007, pag. 35).

A concepção de gênero de vida então introduz na Geografia humana e cultural, uma integração de campos de estudo, no aspecto mais comportamental e em uma perspectiva cada vez mais variada e complexa da relação sociedade e espaço. A paisagem geográfica assim é uma produção construída pelo processo social e cultural no decorrer da história do local. Desta maneira, não podemos ignorar o fato de as paisagens estarem ligadas aos indivíduos do local, sendo assim, uma relação de escolhas do sujeito no meio em que vive, podemos afirmar então que as motivações individuais e socioeconômicas projetadas no espaço se preocupam em explicar como as paisagens se exprimem nos laços afetivos entre a pessoa e o lugar.

A Geografia Humana tem dentro de sua dimensão a experiência vivida e os sentimentos, foca a atenção para o homem no ambiente em que vive e assim, cria significados especiais para este lugar, as paisagens refletem crenças e valores da sociedade sendo uma herança intelectual e espiritual. Enfocando mais dentro de um aspecto fenomenológico da paisagem, afirma DI MÉO, G.:

Systemes symboliques identitaires à fortes références culturelles, imprimés dans l'espace que s'approprient individus socialisés, les territoires vécus se plient difficilement aux contraintes d'une cartographie rigoureuse<sup>17</sup>. (DI MÉO, G.; BULÉON, P. pag. 89, 2007).

---

<sup>17</sup> Sistemas simbólicos com fortes referências de identidade cultural, impresso no espaço onde os indivíduos apropriaram socialmente, estes territórios vividos, não se limitam a uma cartografia rigorosa.

Assim, os territórios vividos não podem ser explicados apenas por meios cartográficos, por imagens ou até mesmo por palavras, isso limitaria a grandiosidade de informações que a paisagem carrega dentro dos aspectos presenciados pelos indivíduos que agregam sentidos ao lugar que habitam.

Na obra de Martin Heidegger: *Ser e Tempo*, a questionabilidade do lugar é evidente, em termos do estado problemático da espacialidade de acordo com a estrutura do “ser-no-mundo”, seja em ideias e imagens de espaço e lugar que emergem continuamente como elementos centrais no interior da análise do trabalho estão relacionados com o indivíduo e o ambiente.

O pensamento de Heidegger pode ser visto como uma maneira fundamentada de elucidar a natureza do lugar na caracterização de uma topologia do ser, em que o pensamento do lugar preconiza um pensar do espaço que enfoca a habitação e morada, ao mesmo tempo em que permite a possibilidade do aparecer do fenômeno. Isso acontece sempre em espaços específicos, uma vez que, a especificidade é encontrada somente na peculiaridade do que é vivido.

Uma vez que a tendência no interior da Geografia humanística em tratar o lugar, assume uma tendência de subjetivismo em relação a este conceito, ele é de fato entendido como uma função da experiência humana<sup>18</sup> onde há também uma complexidade e indeterminação que também se relaciona como um elemento chave no entendimento geográfico de lugar. Isso foi desenvolvido particularmente na linha de trabalho de Vidal de la Blache e que compreendeu autores tais como: TUAN, Y. (1980, 1983), RELPH, E. (1976), MALPAS, J. (1999) entre outros, que argumentam em favor da centralidade da concepção de lugar articulada através das noções de processo, interconexões e diversidade. Os lugares são inteligíveis como estruturas dinâmicas que permitem a interação entre o humano e o meio, eles são determinados através da interatividade ao mesmo tempo em que participam disso.

Proponho aqui então, a análise de uma imagem adquirida em um trabalho de campo, esta imagem é aleatória e pode ser vista por qualquer indivíduo que passa

---

<sup>18</sup> Tendência que é evidente na obra de Tuan (1983).

pela Linha Leopoldina, da mesma maneira que é uma imagem que faz parte do cotidiano dos sujeitos que vivem no local:



Figura 9: Imagem na Linha Leopoldina. Acervo do autor. 2013.

A imagem é uma ferramenta rica em informações, podendo guardar uma estreita relação com o cognoscitivo ao se referir a figuras<sup>19</sup> da experiência vivida, e por outro lado ajuda a desenvolver a temática a abordada agregando ideias na ordem daquilo que é concreto.

Assim, podemos perceber alguns aspectos em uma simples imagem, as formas e as funções da paisagem podem classificar e tematizar cada elemento proposto como: a vegetação, a presença de videiras, as formas da topografia, estas constroem semas, isto é, dentro das formas propostas por Santos, M. em 1988, são desenhos que são construídos mentalmente através de traços que tomam determinadas orientações e constroem signos baseados em uma imagem mental, no

---

<sup>19</sup> O termo figura aqui é referente à imagem perceptível ou parte dela como uma produção da interpretação do sujeito para com seu meio.

qual o indivíduo faz uma relação arbitrária com o conceito mental da paisagem específica e assim, relacionar o significado da paisagem com seu lugar<sup>20</sup>, as construções materiais como casa, rede elétrica, a rodovia, enfim, muitos elementos compõe a paisagem e trás informações relevantes para o receptor.

Tematizar os elementos e classifica-los passariam dentro dos aspectos descritivos da paisagem, e como a intenção aqui é tentar compreender a imagem dentro do fenômeno cultural circunscrito na Linha Leopoldina, bem como os indivíduos que moram no local, precisamos entender o que representa esta paisagem para alguns moradores.

As questões da visualidade e das possibilidades não verbais desta maneira precisam passar pelo campo teórico da língua para configurar-se ao simbólico. Fazendo uma análise nas entrevistas, esta é a melhor maneira para empregar meios e conseguir ter subsídio para afirmar aspectos da representação da paisagem para o indivíduo, portanto, podemos notar no discurso a seguir:

O lugar aqui é muito bom pra quem gosta de paz e tranquilidade, é um lugar que tem muito pra crescer, mas eu espero que mantenha essa simplicidade de interior, espero que não aumente muito. As pesquisas aqui realizadas vieram em prol da manutenção disso, essa quantidade enorme de gente que quer trabalhar com vinho poderia desfigurar a paisagem daqui, porque isso aqui é um patrimônio cultural imenso, não podemos perder os parreirais, que são a maior herança que nossos avós deixaram pra nós. Podemos perder até a identidade se isso acontecer, então é isso que faz isso ser o que é. (Entrevista 6, Professor).

Vemos que o indivíduo na sua fala trás elementos que acredita estar intrínseco na paisagem que ele está acostumado a perceber como: “bonito”, “tranquilidade”, “simplicidade do interior”, “espero que não aumente muito”, “em prol da manutenção disso”, fica notório que os aspectos do rural são fundamentais para a manutenção da paisagem de elementos destes rurais, e assim, a quantidade acentuada de elementos urbanos poderiam como a pessoa mesmo afirma, levar a “perder até a identidade” do local. Então analisamos que os valores que estão relacionados no sujeito com o objeto da paisagem representam as questões da vivência pessoal com o local, e também a herança cultural que se faz interagir para

---

<sup>20</sup> Esta afirmação também entra nos processos de semióse proposta por Pierce (1977), explicado anteriormente a maneira que se estabelece essas relações de ‘signo veículo-objeto-interpretante’ que constrói a inteligibilidade do signo pierciano.

que assim, este entenda a paisagem da maneira como o fenômeno se constrói para ele.

Por isso, colocando esses aspectos dentro do modelo de signo de Ferdinand Saussure (1975), o significante no discurso se encontra nas formas da paisagem para o indivíduo que mora no local, e o significado entra no campo do conteúdo, isto é, o conceito de paisagem para o indivíduo tem relação com as experiências deste com a paisagem, então é uma construção histórica que faz o indivíduo criar vínculos de afeto com o lugar, criando um significado. Então o ser, fazer, sentir, pensar e crer concebe o sentido como um conjunto de valores que fundamentam a atividade humana.

Os elementos de uma cultura foram realizados por inúmeros fatores naturais e sociais, e assim, podemos concluir que a paisagem não é um produto planejado da atividade humana, mas a interação de todos os elementos concebidos e percebidos é que compõe o conjunto. Além das grandes porções da paisagem que se encontram valorizadas pela cultura é importante ressaltar que a paisagem apesar de ser uma ferramenta de pesquisa de grande potencial investigativo ela não reflete fielmente todos os aspectos da cultura, isto quer dizer, não é somente através da paisagem que teremos todos os elementos necessários para aplicar um estudo. Também, não é a intenção aqui abordar profundamente o tema, uma vez que, essa é uma ferramenta conceitual de grande potencial como afirma Di Méo, G.; Buléon, P. (2007), assim, temos em consideração que há inúmeros trabalhos que contemplam a temática de forma mais aprofundada.

#### **5.4. Territorialidade na Linha Leopoldina:**

O Tema que se refere às territorialidades humanas, segundo Raffestin, C. (1988), exige múltiplas disciplinas para abordar esta temática, demonstrando que este conceito é um paradigma das ciências humanas. Tendo como foco que o ser humano é um animal territorial e a territorialidade afeta o comportamento humano estando presente em todas as escalas da vida social, podemos acrescentar que a territorialidade humana é imensamente complexa pelo fato de ser plenamente instituída por signos (RAFFESTIN, C. 1988). Esta territorialidade semiológica é compreendida através da linguagem e da representação (PIERCE, C. S. 1977). É

desta maneira então, que as pessoas na constituição de uma linguagem própria para o uso comunitário, representam uma feição, que tem uma relação e uma comunicação entre a coletividade, usando esses códigos sociais. Devido à utilização desses códigos no cotidiano, as representações tornam-se próprias das pessoas que habitam o lugar.

A cultura e os conhecimentos locais de pessoas que moram no Vale dos Vinhedos, a disponibilidade para ajuda entre as pessoas que se conhecem, bem como a necessidade de informações para o trabalho do dia-dia, constitui assim uma territorialidade. As relações entre a vizinhança e os valores que se constroem marcam a territorialidade do espaço vivido entre os membros dessa sociedade<sup>21</sup>.

O exemplo da Capela Nossa Senhora das Neves (figura 10) é um exemplo que engloba um aparato de valores históricos e contemporâneos do “Trabalho, Vinho e Fé”<sup>22</sup>. No Livro: *Sonho de Um Imigrante*, Remy Valduga (2010), conta uma história no estilo literário de romance sobre a história de sua família. Segundo o próprio escritor, ele fez uma pesquisa de dois anos, aqui no Brasil e na Itália, para escrever a obra. Esta é objeto para estudos científicos e também é uma grande contribuição para a História do Vale dos Vinhedos, uma vez que, os sentidos colocados na narrativa do livro trás uma representação da História da localidade através de relatos de pessoas próximas do autor que vivem ou viveram neste local.

Assim, vemos o espaço no âmbito do lugar vivido e experimentado pelos indivíduos, representado materialmente e imaterialmente a Capela que é construída pelos imigrantes, alguns anos depois do estabelecimento no Brasil, utilizando vinho invés de água na argamassa é uma forma espacial de como os signos estão presentes na cultura local. Há a ligação da Capela material com a história que é de conhecimento comum entre os moradores, fica evidente a construção do Signo de

---

<sup>21</sup> É evidenciado nos relatos do trabalho de Paulus, B. 2009.

<sup>22</sup> Referência tirada do livro: *Sonho de um Imigrante* (2010) de Remy Valduga, além de uma construção histórica da família que ele pertence, conta também a história da Capela Nossa Senhora das Neves. A construção da Capela foi iniciada em 1904 pelos imigrantes italianos que fabricaram todo o material de construção, em 1906 houve uma seca muito forte, sem chuva e sem água para fazer a argamassa, porém com uma boa safra de uva dos anos anteriores, várias famílias doaram em média 300 litros de vinho para colocar no lugar de água da argamassa. Assim, a conclusão da Capela foi em 1907 através do esforço dessas pessoas na época que é resumida na Simbologia de: Trabalho, Vinho e Fé.

Pierce, C. S. (1977), no qual um sinal material (representame) constrói um signo veículo através da percepção humana e o interpretante faz relação arbitrária com o objeto, que seria o conceito do material da capela. Tendo em conhecimento que há uma relação de explicação do objeto com o referente, a capela é um tipo de Signo, classificado como símbolo do Vale dos Vinhedos.



Figura 10: Capela Nossa Senhora das Neves. Linha Leopoldina, Bento Gonçalves/RS.  
Fonte: Acervo do Autor. 2013.

No que se refere à territorialidade, há a manifestação produzida pela ocupação e uso do espaço, e isso se faz pela ação dos atores locais, desta maneira, a territorialidade é uma construção através do estabelecimento de vínculos em que o objeto espacial é ocupar e fazer parte dela.

A importância na análise de um determinado território é evidenciada nos instrumentos territoriais que geram autonomia de uma territorialidade. Assim, as formas espaciais se esboçam no direcionamento mais acentuado de um instrumento em relação ao outro, neste sentido, a produção territorial que combina malha, nós e rede, tem por finalidade a manutenção do território através das reservas (Raffestin, 1988). Pode-se afirmar que os sentidos estão presentes em todo o sistema de linguagens que perpassam nas ações culturais, e estas linguagens é que estão

relacionadas com as questões do espaço social, isto é, da relação social entre os indivíduos.

Malhas, nós e redes, podem ser compreendidos como um sistema territorial no qual, uma sociedade agrária como o espaço de estudo deste trabalho, vai regular suas relações com o espaço, uma vez que a territorialidade não é apenas a relação com o território, mas também a relação concreta com o território que se concebe através das linguagens necessárias para a manutenção do social, bem como um sistema de símbolos. Estes instrumentos territoriais encontrado no espaço têm vínculo teórico com a relação política, econômica e territorial em geral. Um exemplo mais político desse sistema é a associação APROVALE<sup>23</sup>, que tem uma organização territorial com valores de sentido abstratos que se manifestam no material cotidiano entre outras atividades relativas.

L'implication des espaces sociaux est une loi. Pris isolement, chacun n'est qu'une abstraction. Abstractions concrètes, ils existent (réellement) par des réseaux et filières, des grebes ou faisceaux de relations. Par exemple, les réseaux des communications à l'échelle mondiale, des échanges, des informations<sup>24</sup>. (LEFEBVRE, H. pag. 103-104, 1984)

O estudo de uma fenomenologia do espaço através do comportamento individual e social das pessoas no seu “lugar de vivência” implica uma territorialidade humana num sistema de relações Semióticas. Sendo o Vale dos Vinhedos uma fonte de sinais materiais e imateriais onde o espaço construído emite sinais e valores dentro dos seus modelos culturais de origem italiana, a territorialidade também está nas relações econômicas que incorporam neste território tais significados.

Sendo assim, este enfoque fenomenológico começa quando os indivíduos projetam na Linha Leopoldina, no material e no imaterial, as informações das quais são portadoras (Os valores sociais, a religiosidade, o empreendedorismo, o trabalho em meio aos parreirais, etc). Esta projeção seria a primeira fase da territorialização (RAFFESTIN, C. 1988). Podemos dizer então que a territorialidade se enquadra em um sistema dinâmico, onde o contexto de signos permanece estável na sua

---

<sup>23</sup> Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos.

<sup>24</sup> O envolvimento do espaço social é uma lei. Tomado isoladamente cada um é uma abstração. Abstração concreta, ela existe e se reinventa por redes de canais, raízes ou feixes de relações. Por exemplo, as redes de comunicação global, das mudanças, das informações.

territorialidade. Estas informações permeadas de significados esboçam um limite no universo da alteridade, assim, os limites das formas simbólicas vão determinar esta estabilidade da primeira fase da territorialização. As mudanças potencialmente sensíveis podem acarretar uma desconstrução territorial no qual Haesbaert, R. (2004) chama de desterritorialização-reterritorialização. Trata-se de um processo fluido de sistemas de informação que as sociedades e os indivíduos passam em todas as escalas.

A territorialidade então é um processo de interação destes dois ciclos, um territorial e o outro informacional, e a relação entre estas duas forças que vai garantir a autonomia de uma coletividade através do tempo (RAFFESTIN, C. 1988). Tendo em vista que a Linha Leopoldina é um espaço social que tem influência intrínseca da cultura italiana, percebemos que influências culturais estão presentes nos vínculos locais e externos, mostrando que a cultura local é algo construído pelo indivíduo e pelo meio numa relação de forças que são verificadas através dos signos esboçados na relação dos discursos e no cotidiano.

## **6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS:**

### **6.1 As Relações dos indivíduos com a vitivinicultura e os sentidos de realidade no discurso:**

A vitivinicultura é o elemento fundamental que se torna objeto de análise da cultura desse espaço, uma vez que, a organização do espaço no Vale dos Vinhedos e região tem na cultura agrícola da uva parte fundamental para o desenvolvimento da Geografia local. O trabalho vitícola vem acompanhando historicamente a região, desta maneira, as formas e as estruturas do lugar carregam informações referentes à uva que são atribuídas com exclusividade ao espaço.

Da mesma forma, o vinho trás uma série de elementos que serão destacados aqui, de ordem cultural, o(s) fenômeno(s) se emana(m) no espaço e os sentidos o tornam parte desse espaço. O vinho promove desenvolvimento e tem representação social através dos atributos que ficam em torno de um aspecto que parece preponderante na Linha Leopoldina “a vitivinicultura”.

Vamos partir agora para uma análise dos discursos, em entrevistas podemos analisar alguns elementos referentes a este signo que faz parte do território e que

pode ser trabalhado, no sentido de investigar como os sujeitos na condição de morador se percebem dentro das influências da cultura local:

Essa atividade de trabalhar com uva e vinho é uma coisa de família, pra você ter uma ideia, nós temos uma carga tributária muito alta e, então se fosse por esses eu não trabalharia com vinho, é meio complicado trabalhar com isso, então vem da herança que nos temos dos familiares e a gente vai levando pra frente até que dá.

Aqui o solo é excelente pra uva, as mudas a gente trás de fora, a tecnologia dentro da cantina é de primeira qualidade, temos as escolas que formam os enólogos aqui na escola Federal, então não tem como não fazer vinho bom. Mas sabe que antigamente eu também gostava dos vinhos importados, mas agora com essa evolução das coisas no Brasil, temos a qualidade muito alta. Sabe que uma coisa da nossa cultura aqui é a teimosia, que quando um faz uma coisa o outro não que ficar pra trás e então que vem o progresso.

Nós temos muito pra fazer ainda por que o vale é novo ainda, mas o que já foi feito está atraindo muito turista e isso é bom por que vende o nosso produto, o turista vem de qualquer lugar aí, e nós recebemos bem eles, daí ele vai pra casa e fala bem para os outros e a propaganda boca a boca é uma das melhor que tem.

Nós aqui temos qualidade do produto, depois começou a melhorar quando entrou essas uvas europeias e começou a melhorar nossos produtos e nós aqui a minha vinícola é tudo de produção própria, eu não compro matéria prima de ninguém, é tudo vinhedo próprio, com a intenção de melhorar o produto, pra você ter uma ideia, oitenta e cinco por cento para fazer um bom produto é a matéria prima. E o pessoal esta gostando dos produtos. (Entrevistado 1, empresário).

Assim, podemos tematizar a enunciação desta pessoa, o tema central no discurso seria a influência da vitivinicultura na sua vida. Temos em mente que o discurso é também uma narrativa olhada sob o ponto de vista das opções e dos investimentos do sujeito da enunciação. Assim, o sujeito da enunciação escolhe estrategicamente as palavras e os sentidos dentro do sua narrativa, ele se relaciona com sua obra discursiva de modo a deixar elementos que caracterizam sua concepção de mundo e de sociedade. Dentro da enunciação há suas conceituações sobre do que as pessoas são, do que fazem, do por que fazem, o modo como elas se relacionam entre si, de como os aspectos sociais e territoriais se comportam etc.

A relação do sujeito com sua fala, mostra os valores que este propõe ao meio em que vive, e a vitivinicultura é uma temática central na maior parte de sua fala. Os recursos discursivos utilizados na fabricação da verdade, isto é, as projeções que o enunciador pratica causam efeitos de sentido.

Os efeitos de enunciação do sujeito no discurso (Entrevistado 1), demonstra um grau de proximidade uma vez que é sempre na primeira pessoa os verbos que constituem a enunciação. Isto trás um grau mais intenso de subjetividade e ao mesmo tempo há um reforço da realidade dos sentidos que são colocados no

discurso, exemplo: “nós temos uma carga tributária muito alta, então se fosse por esses eu não trabalharia com vinho”; “eu também gostava dos vinhos importados”, “Nós temos muito pra fazer”; “Nós aqui temos qualidade do produto”; “e nós aqui a minha vinícola é tudo de produção própria, eu não compro matéria prima de ninguém”. Todos esses sentidos dão uma noção de proximidade da cultura do vinho e a vitivinicultura dentro da sua vida. Então o lugar, é representado no discurso como algo que se aproxima muito do cotidiano do enunciador por que o eu<sup>25</sup> inserido na frase se torna construído na narrativa de maneira que torna realidade responsabilizada pela vivência pessoal.

Tendo em vista que a análise semiológica dos discursos destaca que na relação do sujeito com sua fala, quando é escolhida a primeira pessoa do singular ou do plural (eu, nós) dentro da fala, isso acrescenta maior subjetividade ao texto. Podemos notar nos textos jornalísticos e científicos maior presença da terceira pessoa no discurso (ele, eles). A intenção do uso na terceira pessoa dá um efeito de objetividade no discurso, podendo atribuir ainda a responsabilidade do ‘falado’ para outra pessoa mais especializada no assunto com maior nível de conhecimento no que se refere ao tema. O uso da segunda pessoa é mais explorado no sentido de incluir o interlocutor na conversa, e desta maneira, passar um valor de forma que o destinatário confirme o valor passado então.

Desta forma, a enunciação permite analisar o discurso como um objeto produzido pelo sujeito que procura uma finalidade em formatar desta maneira, e com essas palavras, todo o conjunto da obra e assim, procura um fim que é o de comunicar-se com o enunciatário e propor-lhe um valor, essas relações e manifestações se encontram dentro da fala e do discurso e podem ser observadas pelas marcas deixadas como pista que nos revelam como os elementos e de qual forma que o sujeito trás em sua cultura.

O enunciado, discurso e a narrativa em si são uma construção e o resultado de uma operação de investimento de sentido em matérias significantes com o intuito de chegar a um acordo de ‘verdades’ e convencer seu interlocutor. Assim, a sintaxe discursiva permite explicar as relações do sujeito da enunciação com seu discurso e

---

<sup>25</sup> Nesse caso se refere tanto ao primeiro verbo do singular encontrado no depoimento, quanto o eu-sujeito, indivíduo que vive na localidade e atribui determinados valores a este lugar.

com seu enunciado, bem como as relações que estão intrínsecas na relação entre os sujeitos da enunciação. Essa análise traz interessantes componentes a respeito das condutas do autor e suas intenções para tentar persuadir suas crenças e valores de juízo.

Os efeitos de realidade ou de referência que este indivíduo coloca no seu discurso trata-se em fazer uma ligação ao que diz respeito à pessoas, espaços geográficos conhecidos, datas fatos históricos, simulações e vários tipos de sentidos figurativos que o enunciatário reconhece como 'reais' como existentes, isso reforça ainda mais para tentar que os sentidos no discurso se ratifiquem, é um esforço que visa o tornar concreto e denotativo iconizando estes sentidos para que novamente convença de seus valores procurando apoiar a narrativa sobre sentidos já construídos na experiência com uma espécie de ligação de personagens, atores sociais, locais.

Assim, se os momentos são reais, os fatos também são verdadeiros. Essa é a intenção do enunciador no texto e podemos verificar em algumas locuções: 'Aqui o solo é excelente pra uva', 'as mudas a gente trás de fora', 'temos as escolas que formam os enólogos aqui na escola federal', 'mas agora com essa evolução das coisas no Brasil, temos a qualidade muito alta', 'Sabe que uma coisa da nossa cultura aqui é a teimosia' que quando um faz uma coisa o outro não que ficar pra trás e então que vem o progresso, 'Nós temos muito pra fazer ainda por que o vale é novo ainda', 'depois começou a melhorar quando entrou essas uvas europeias e começou a melhorar nossos produtos', 'e nós aqui a minha vinícola é tudo de produção própria'.

Assim, podemos analisar no decorrer do discurso do entrevistado 1, que o uso de locais como os vinhedos próprios, a vinícola, Brasil, Europa, instituição de ensino, tecnologia, matéria prima, teimosia da cultura fazendo uma alusão entre os atores locais, todos estes são ícones de referência que o enunciador usa para dar o efeito de verdade no seu discurso e deixa pistas de como alguns elementos está presentes dentro da Cultura da Linha Leopoldina. A preocupação com qualidade dos produtos é um sentimento do indivíduo e como os atores se envolvem neste processo com a vitivinicultura também são aspectos que estão latentes na construção dos sentidos da narrativa do entrevistado 1.

Na próxima entrevista aqui apresentada, é feita uma análise dos recursos que o entrevistado usa para fundamentar a veracidade de suas palavras e persuadir seu interlocutor de seus valores e crenças sobre o território em que vive:

Eu sou da terceira geração aqui no lote. Trabalhamos a vinte um anos com a vinícola, mas sempre se plantou uva. Passamos muitas dificuldades na época do governo Collor, patinamos muito para conseguir continuar com a produção de uva que já vem dos pais e avós que também insistiam em seguir nesse ramo e assim conseguimos começar com vinhos finos na época, que iniciamos a vinícola aqui.

Antes, quando este lugar era chamado por linhas, o pai sentia que os negócios estavam difíceis, a gente sentia que estava difícil, mas ele nos incentivava a seguir com isso, ele já tinha certa experiência, que foi passado para ele pelo meu avô, por que a vinícola era um sonho para meu vô, então essa cultura tá no nosso sangue já faz parte do trabalho e do dia-dia, somos entre sete irmãos, que vivemos a maior parte do tempo no meio rural, e na época tinha um estudando no primeiro grau, eu e outro no segundo grau, resolvemos montar a vinícola com meu pai que organizava as tarefas então a cultura nos ajudou a segurar nos momentos difíceis e estamos na atividade com essa produção familiar. (Entrevistado 2, agricultor e empresário).

Considerando que o enunciador na construção da sua fala institui e organiza suas palavras para um enunciatário, desta maneira, há traços da relação entre aquele que emite e aquele que recebe uma mensagem e isto é usado como uma estratégia de persuasão daquele que tem interesse em passar um valor no seu discurso, neste caso, o enunciador desta entrevista. Assim, há um pacto comunicacional estabelecido, um contrato de veridicção entre os comunicantes (Peruzzolo, 2004).

Então, somente o fato de estar se expressando em português, já firma um contrato entre os comunicantes, isso significa que os indivíduos estão de acordo com as práticas usuais e as representações dessas linguagens. Por exemplo, vejamos como o enunciador (entrevistado 2) escolhe uma trama de argumentos para trilhar um caminho de raciocínio que se imbricam e estrutura valores e ideias, sentimentos e pensamentos, bem como figuras de sentido com a intenção de encaminhar a verdade no primeiro e segundo parágrafo: “Eu sou da terceira geração aqui no lote. Trabalhamos a vinte um anos com a vinícola, mas sempre se plantou uva”, assim, tenta convencer o enunciatário dando um efeito de sentido mais subjetivo, porém com o respaldo do fato vivido, uma vez que fala em primeira pessoa, dando credibilidade ao seu discurso.

Isto também está atrelado ao método fenomenológico proposto neste trabalho, uma vez que, é as representações e construção de sentidos que o indivíduo faz do espaço que habita, falando em primeira pessoa no seu discurso, podemos notar o ponto de vista do habitante da localidade e assim, baseamos os elementos do espaço cultural nos parâmetros colocados por Di Méo, G.; Buléon, P. (2007):

L'espace devient alors un produit de la conscience, une aptitude structurelle de notre esprit à concevoir le haut, le long et le large, la disposition des choses les unes par rapport aux autres, les formes et les volumes. Cet espace subjectif ne peut être perçu et représente qu'en fonction de l'expérience individuelle et sociale que nous en acquérons. Il ne se dissocie pas de notre vécu, de notre sentiment d'existence en tant que "je", que conscience. C'est par excellence l'espace de notre expérience phénoménologique du monde sensible. Indissociable du sujet humain, il lui permet d'exprimer sa "géographicit " existentielle, son être sur la terre comme composante essentielle, de la condition ontologique<sup>26</sup>. (DIM O, G.; BULÉON, P. Pag.23, 2007.)

Em outros momentos do discurso também nota-se a presença de condu o de sentidos e constru o de referências culturais quando fala: "Passamos muitas dificuldades na época do governo Collor", "produ o de uva que já vem dos pais e avós que também insistiam em seguir nesse ramo", "o pai sentia que os negócios estavam difíceis, a gente sentia que estava difícil, mas ele nos incentivava a seguir com isso, ele já tinha certa experiência, que foi passado para ele pelo meu av , por que a vinícola era um sonho para meu v ", "então essa cultura t  no nosso sangue já faz parte do trabalho e do dia-dia, somos entre sete irmãos, que vivemos a maior parte do tempo no meio rural". Criando assim, personagens no discurso e mostrando desta maneira o empenho e a presença da família na cultura, o trabalho com a vitivinicultura   algo que vem da família segundo o enunciador, ele cita raízes como elemento instigador, o seu avô já trabalhava com a cultura da uva e o pai, mesmo com as dificuldades impostas pelo governo do ex-presidente Fernando Collor de Melo, permaneceu trabalhando no setor de uvas para tentar construir a vinícola.

---

<sup>26</sup> O Espaço torna-se em seguida um produto da consciência, a capacidade estrutural de nossa mente nos leva a um topo, o comprimento a largura, a disposi o das coisas em rela o ao outro, as formas e os volumes. Este espaço subjetivo não pode ser percebido e representado em fun o da experiência social e individual que adquirimos. Ele não dissocia a partir de nossa experiência, o nosso sentido de 'eu' está na consciência. Este   por excelência, dentro da nossa experiência fenomenológica do mundo sensível. Inseparável do ser humano isto permite que expresse sua "geograficidade" existencial, o seu ser na Terra como um componente essencial na condi o ontológica.

Também, podemos notar o sentimento de satisfação e pertencimento do território na entrevista a seguir, no momento que o entrevistado 3, diz espontaneamente da evolução e do desenvolvimento na localidade no que se refere ao sentido do paradigma do capitalismo agrário:

Agora a gente pode até falar um pouco assim, de boca cheia do vale, porque antigamente quando a gente ia pra aula, a gente era uma piada quando dizia que morava aqui, e as dificuldades que passamos foi muito grande, até eu digo que a rede globo nos ajudou nesse sentido, quando fizeram aquelas novelas sobre imigração italiana, então até a questão mesmo do sotaque fez com que nossa identidade fosse valorizada um pouco mais. Agora parece que mudou de oito para oitenta, quem mora no vale tem bastante prestígio, em função dessa evolução que foi um efeito da iniciativa privada. (Entrevistado 3, estudante).

Também há um andamento da matéria significativa que faz certa construção histórica do local, das dificuldades, o sotaque, e a partir desta conjuntura, o sentimento de pertencer e a valorização dessas influências da cultura local, bem como as influências da cultura de massa também presentes pelo acesso aos meios de comunicação, que permeiam o cotidiano dos indivíduos e influencia diretamente no comportamento. Desta forma eles assimilam e representam seu papel conforme as circunstâncias vividas.

Dentro do discurso o “eu” está sempre incluso: “Agora a gente pode até falar um pouco assim, de boca cheia do vale”, “a gente era uma piada quando dizia que morava aqui”, “as dificuldades que passamos foi muito grande”, “eu digo que a rede globo nos ajudou nesse sentido”, “Agora parece que mudou de oito para oitenta, quem mora no vale tem bastante prestígio”. Esses trechos e outros mais demonstram como a narrativa trabalha com o indivíduo e o espaço, mostrando a relação entre estes e o sentimento que em um momento é espontâneo e em outro tem influências externas (por exemplo, quando o entrevistado 3 cita rede globo de televisão), porém, de qualquer uma das formas, a relação entre sujeito e espaço está sempre presente.

Tendo como análise a comunidade dentro das representações simbólicas, as expressões dos indivíduos mostram características que estão dentro dos processos que desempenham papéis importantes dentro da dinâmica histórica e atual da Linha Leopoldina, o Vale dos Vinhedos tem um forte aspecto de influência comunitária em seu espaço, isto é demonstrado na história e na contemporaneidade. Há trabalhos

que evidenciam estas características (PAULUS, B. 2004; ORTEGA, A. C. 2011) de coletividade e individualismo que estão presentes no espaço:

Hoje em dia tem um pouco de individualismo por parte de alguns que acreditam que a vinícola do lado é concorrente, mas isso não é verdade porque acredito que sejam todos fazendo parte do vale, se as pessoas consomem vinhos de derivados de boa qualidade do vale, então vão comprar de outros do vale porque sabe que o que se produz aqui é bom. Esse é um sintoma que podemos ver nas famílias também, os filhos hoje em dia tem muita dificuldade de assumir qualquer entidade, não só vinícola, mas qualquer entidade religiosa ou política é uma dificuldade, os mais novos não se interessam. Antes as únicas instituições formadoras de opinião era a família, a igreja e a escola. E hoje o mundo se abre de uma maneira diferente, temos a televisão, a internet e os eventos de encontro são outros. Hoje em dia se precisa fazer várias coisas ao mesmo tempo eu sou agricultor, também sou produtor industrial de vinho e tenho curso superior, então em um mesmo sujeito tem várias funções. Antigamente o agricultor era agricultor e pronto.

A religião está enfraquecida de maneira geral, apesar de eu ainda acreditar que é uma ponte de ligação entre a comunidade. A religião no sentido de ligar homem com deus nos dá uma força, mas também no fato de religar as pessoas, a gente ainda se ajuda como pode, quando o vizinho está em dificuldade com a videira pra podar e na colheita talvez. Os jovens não estão tão preocupados com a religião hoje em dia, sinto uma dificuldade em passar isso para meus filhos, isso se deve a uma evolução do tempo, os filhos antigamente viviam tudo em casa todos tinham tempo, e se precisava de pouca coisa para viver, hoje em dia há uma necessidade de muitas coisas, cada um tem um carro um computador, não há uma convivência muito forte como antes, então se pensa só no dinheiro porque se tu abandonar o dinheiro tu fica a margem de tudo, até a pouca convivência com os outros. Mas graças a deus esses eventos da igreja ainda existem, porque assim é uma maneira de vermos os vizinhos.

Os valores estão diferentes, tem dificuldade de passar as coisas pros filhos, eles têm milhares de outras coisas pra fazer então fica diferente da minha época que quando o pai mandava se obedecia e era isso, se acreditava em tudo que se dizia. (Entrevistado 4, vitivinicultor).

O território do Vale dos Vinhedos foi construído historicamente com base na cooperação e na reciprocidade, essa foi a maneira que os colonos recém-chegados da atual Itália encontraram para tornar a vida um pouco menos difícil na nova terra, uma vez que a hostilidade e a rusticidade do ambiente era muito intensa. A conjuntura desses esforços da comunidade faz com que a cooperação se incorpore na vida das pessoas e este aspecto vai sendo passado de geração para geração e tornando-se uma instituição. Quando aparece no discurso do entrevistado 4: “acredito que sejam todos fazendo parte do vale”, “Hoje em dia se precisa fazer várias coisas ao mesmo tempo eu sou agricultor, também sou produtor industrial de vinho e tenho curso superior, então em um mesmo sujeito tem várias funções”, “graças a deus esses eventos da igreja ainda existem, porque assim é uma maneira de vermos os vizinhos”. Assim, na racionalidade não se norteia somente por

elementos econômicos, mas sim, por um conjunto de vínculos sociais que permeiam a comunidade como a religião, os encontros festivos, a bodega, as visitas entre vizinhos e outros que são incorporados na tradição.

Porém, ao mesmo tempo em que há reciprocidade, ação e pensamento coletivo, temos também o aspecto da individualidade que fica evidente no discurso (entrevistado 4): “alguns que acreditam que a vinícola do lado é concorrente”, “os filhos hoje em dia tem muita dificuldade de assumir qualquer entidade, não só vinícola, mas qualquer entidade religiosa ou política é uma dificuldade”, “religião está enfraquecida de maneira geral, apesar de eu ainda acreditar que é uma ponte de ligação entre a comunidade”, “hoje em dia há uma necessidade de muitas coisas, cada um tem um carro um computador, não há uma convivência muito forte como antes”, “hoje o mundo se abre de uma maneira diferente, temos a televisão, a internet e os eventos de encontro são outros”, “então se pensa só no dinheiro porque se tu abandonar o dinheiro tu fica a margem de tudo, até a pouca convivência com os outros”, “Os valores estão diferentes, tem dificuldade de passar as coisas pros filhos, eles têm milhares de outras coisas pra fazer então fica diferente da minha época”.

Então há um equilíbrio nas intensidades dos aspectos culturais que caracterizam este espaço, e o torna único e dinâmico fundamentalmente. Os aspectos da cultura são analisáveis na narrativa, o enunciatário constrói os significados que dão noção de “realidade” ao texto (texto aqui é no sentido da entrevista concedida, discurso que constrói a narrativa).

## **6.2 Disseminações de temas e investimentos figurativos das entrevistas:**

Nesta etapa da pesquisa ao observar nos núcleos dos objetos de comunicação, vamos entrar nos percursos temáticos e os investimentos figurativos que a semântica discursiva recebe. Tentando desvendar os investimentos temáticos dos discursos e narrativas, temos condições de fazer uma melhor análise da cultura, isso é possível por que os valores que os indivíduos carregam com si mesmo são colocados nos seus depoimentos da entrevista.

É importante para esta análise saber que o indivíduo, quando fala em entrevista, também está querendo convencer de uma 'verdade' aquele que está na interlocução. Essa é a relação: 'enunciador e enunciatário' da comunicação. Cabe ao enunciatário fazer uma interpretação, isto é, cabe a este receptor da mensagem, decidir o que fazer em seguida da leitura que realiza da mensagem. Temos assim, uma negociação no jogo comunicacional onde o desenvolvimento da argumentação tem mecanismos que alguns autores chamam de polifonia<sup>27</sup>, que é uma estratégia discursiva de fazer ecoar os sentidos que circulam em outros ramos do conhecimento com o intuito de construir o efeito de verdade no que se fala. Dizer que há outras vozes presentes no texto significa confirmar a natureza social dos significados e sentidos que se formam e organizam em relações que os indivíduos têm em sociedade. Esses significados e sentidos são produzidos em diferentes contextos sociais e vivências dos sujeitos que faz sua entonação na superfície dos discursos.

Vejamos este exemplo:

A gente mora aqui desde sempre, o nosso bisavô chegou aqui em 1876, então são 136 anos da família aqui. Com este lote, que foi comprado por ele, e continua sendo trabalhado pela família o cultivo dos parreirais, lógico que assim, antigamente se plantava para subsistência, porém, com o passar dos anos e com a vinda das uvas importadas passou a viver somente de uvas. Pode se dizer que foi em torno de uns oitenta anos de produção concentrada de uvas.

O local é fantástico, a qualidade de vida é excelente, é calmo, é tranquilo, que nos deixa um pouco tristes é um certo descaso com o Vale dos Vinhedos, da parte das organizações políticas, as estradas poderiam ser melhoradas e carece um pouco de placas para informações aos turistas. Enfim, o vale é tido mais como fonte de arrecadação de impostos do que qualquer outra coisa. Tem algumas estradas que estão muito ruins de calçamento nem nada.

De resto é bem tranquilo, lógico que nada são flores, a grama do vizinho sempre é mais verde, então é muito trabalho, e é tudo com nós todo o trabalho, apesar da mecanização para a pulverização com tratores adaptados em alguns pontos, a inclinação não permite o alcance deles. Quando conseguimos contratamos mão de obra na época da colheita, mas hoje em dia não está fácil conseguir quem queira trabalhar, o ideal seria contratar em torno de seis, mas nos últimos anos quando conseguimos três já achamos ótimo, o restante do trabalho fica com a família. (Entrevistado 5, empresário).

O conhecimento imediato ou intuitivo da polifonia enunciativa ajuda a compreender os valores, conceitos, ideias e ações pressupostos tal como acabamos de notar em locuções feitas pelo entrevistado 5: "A gente mora aqui desde sempre",

---

<sup>27</sup> Conceito usado por Ducrot, O. (1977), Deleuze, G. (1977), Ricoeur, P. (1987).

“nosso bisavô chegou aqui em 1876, então são 136 anos da família aqui”, “Com este lote, que foi comprado por ele”, Podemos concluir que esta pessoa morou/viveu e está morando/vivendo na Linha Leopoldina em sua vida, não só a pessoa que fala, mas a família, os vizinhos e até a comunidade (pelo menos a maioria destes) também vivem lá desde sempre. E na fala: “continua sendo trabalhado pela família o cultivo dos parreirais”, “antigamente se plantava para subsistência, porém, com o passar dos anos e com a vinda das uvas importadas passou a viver somente de uvas”, “Pode se dizer que foi em torno de uns oitenta anos de produção concentrada de uvas”. Demonstra que o trabalho com a vitivinicultura é um elemento cultural que foi herdado da família e ao mesmo tempo é o meio no qual o indivíduo viveu e ainda vive, trazendo assim, uma perspectiva de que há conhecimento suficiente para fazer um bom trabalho com a vitivinicultura. No segundo parágrafo da conversa, temos alguns indicadores do ponto de vista da pessoa entrevistada de como é o lugar, as qualidades, as intenções políticas, estradas e paisagem: “O local é fantástico, a qualidade de vida é excelente, é calmo, é tranquilo”, “certo descaso com o Vale dos Vinhedos, da parte das organizações políticas”, “as estradas poderiam ser melhoradas e carece um pouco de placas para informações aos turistas”, “o Vale é tido mais como fonte de arrecadação de impostos do que qualquer outra coisa”. Assim, na fala do enunciador parece que há certa satisfação no que se refere ao lugar, as declarações se atribui em outros discursos para trazer a sua veracidade. Em relação às polifonias:

“Esse recurso é um discurso dentro de outro discurso, enunciação na enunciação, mas ao mesmo tempo um discurso sobre outro discurso, uma enunciação sobre outra enunciação” quer dizer ele é um discurso dentro de outro, mas também uma afirmação de sentidos sobre este discurso. (BAKHTIN, M. apud PERUZZOLO, A.C. pag. 183, 2004).

Neste sentido, os discursos se constroem dentro do social, isto é, sempre tem outros discursos que dão suporte para o discurso que se produz no agora, eles se constituem sempre a partir de outros sendo a heterogeneidade uma propriedade constitutiva do texto. Desta maneira, podemos dizer também que todo o texto, narrativa ou discurso tem o seu oposto implícito em si mesmo, uma vez que, dada determinada posição, constroem-se também uma oposição, cabendo ao leitor do texto e enunciatário fazer a leitura e saber analisar essas posições, bem como desvendar os valores de juízo que fazem parte do discurso.

Neste trabalho de análise desses discursos perguntamos: Quais são as outras formas que se escondem neste dizer do entrevistado? Quais são os outros textos que foram trazidos para esta maneira de falar? A mescla que pertence a outros textos diferentes desse ao qual usamos como análise dá o que se chama de interdiscursividades na fala. O sujeito então é um indivíduo e também uma subjetividade social e histórica porque sempre fala de um dado lugar e de uma posição socialmente estabelecida.

Lembremos que os elementos de linguagem que são operados pelo sujeito enunciatório tem a finalidade de estabelecer valores de conduta para outro sujeito, no caso, o interlocutor enunciatório, faz afirmação de experiências vividas por ele mesmo (enunciador) ou por outros indivíduos conhecidos, faz referências do estado de pessoas e/ou coisas que são organizados na narrativa em forma de percursos temáticos e investimentos figurativos diversificados para constituir e assegurar os efeitos de sentido. Os Percursos temáticos e os investimentos figurativos são tópicos que se confundem em si, por que os temas colocados na narrativa recebem figuras de linguagem para arrumar a estrutura do discurso com a intenção de estabelecer valores e crenças.

Podemos analisar então o texto a seguir considerando todos os elementos que entram na categoria de análise dessa pesquisa e que fazem parte da cultura os discursos que fazem parte do social do grupo e constroem as interdiscursividades, parte do social do indivíduo:

A comunidade, igreja, a família estas coisas são próprias dos italianos, e isso é muito importante. Acabamos de ter na semana passada a nossa festa da comunidade, porque o pessoal é católico e eu não sei por que, mas é católico, não é muito praticante, então essas atividades fazem parte da vida de cada um e é o que junta todos. Todos se conhecem aqui. O seu filho estuda com o filho de um vizinho e assim por diante. E assim o pessoal se relaciona bem, isso é normal de comunidades pequenas, tem vantagens nisso porque veja bem, essa seria uma herança que temos dos antepassados, antigamente o pessoal tinha que se ajudar para conseguir viver menos mal. Na época dos meus pais, não existia contratar pessoal para colheita, era as pessoas da comunidade que depois do trabalho feito em seus parreirais ajudavam no trabalho dos outros vizinhos quando havia necessidade. Hoje em dia ainda existe isso, algumas famílias se oferecem assim como a nossa também ajuda no trabalho quando um ou outro necessita.

O lugar aqui é muito bom pra quem gosta de paz e tranquilidade, é um lugar que tem muito pra crescer, mas eu espero que mantenha essa simplicidade de interior, espero que não aumente muito. As pesquisas aqui realizadas vieram em prol da manutenção disso, essa quantidade enorme de gente que quer trabalhar com vinho poderia desfigurar a paisagem daqui, porque

isso aqui é um patrimônio cultural imenso, não podemos perder os parreirais, que são a maior herança que nossos avós deixaram pra nós. Podemos perder até a identidade se isso acontecer, então é isso que faz isso ser o que é. (Entrevistado 6, Professor).

Na maior parte da fala supracitada, o enunciador (entrevistado 6) fala na primeira pessoa do plural, isto implica o “Nós” ao discurso há nesse momento um efeito de enunciação que aproxima os fatos do sujeito que fala, porém ao mesmo tempo, coloca em jogo no discurso os outros, os conhecidos da comunidade, da família e o envolvimento em torno do trabalho com parreirais. Analisamos então os seguintes trechos do primeiro parágrafo: “A comunidade, igreja, a família estas coisas são próprias dos italianos, e isso é muito importante”, “nossa festa da comunidade, porque o pessoal é católico e eu não sei por que, mas é católico, não é muito praticante”, “essas atividades fazem parte da vida de cada um e é o que junta todos”, “Todos se conhecem aqui”, “isso é normal de comunidades pequenas”, “essa seria uma herança que temos dos antepassados, antigamente o pessoal tinha que se ajudar para conseguir viver”, “Na época dos meus pais, não existia contratar pessoal para colheita, era as pessoas da comunidade que depois do trabalho feito em seus parreirais ajudavam no trabalho dos outros vizinhos quando havia necessidade”, “Hoje em dia ainda existe isso, algumas famílias se oferecem assim como a nossa também ajuda”. Deixando evidente, o entrevistado 6 escolhe as modalidades do seu dizer que envolvem a comunidade; atribui algumas características comunitárias na herança da etnia italiana, da ascendência das pessoas, da mesma forma como isso foi construído historicamente pelos indivíduos e explica detalhadamente as relações que as pessoas tem na Linha Leopoldina com a família, a religião e a comunidade.

Apesar de em alguns momentos nos discursos das entrevistas a questão da comunidade estar enfraquecida (ou enfraquecendo) coesão devido às influências do mundo contemporâneo, em outros momentos do discurso ainda há participação da comunidade. Esta participação expressa pelas práticas religiosas encarada de maneira mais obrigatória do que voluntária, ou festa da comunidade faz com que todos se conheçam pelo grau de parentesco e numero limitado de indivíduos sociais, ou ainda a questão econômica do trabalho, na ajuda de uns com os outros na época da colheita da uva.

Já no segundo parágrafo notamos declarações que estão ligadas intimamente o sentimento com o lugar: “aqui é muito bom pra quem gosta de paz e tranquilidade”, “é um lugar que tem muito pra crescer, mas eu espero que mantenha essa simplicidade”, “essa quantidade enorme de gente que quer trabalhar com vinho poderia desfigurar a paisagem daqui”, “porque isso aqui é um patrimônio cultural imenso”, “não podemos perder os parreirais, que são a maior herança que nossos avós deixaram pra nós”, “Podemos perder até a identidade se isso acontecer, então é isso que faz isso ser o que é”.

Nessas narrativas, notamos que o enunciador tem, dentro dos seus conceitos, ideia da dimensão do lugar que vive, é pequeno, mas quer que continue assim, porque assim é mais tranquilo, notadamente uma paisagem mais rural onde a comunidade se conhece e isso os mantém seguros, afirma sobre o risco que pode trazer “essa quantidade de gente de fora que quer trabalhar com vinho” ratificando até mesmo como patrimônio cultural herdado e a questão da identidade que pode se perder se as influencias externas se incorporarem muito no espaço.

Na ultima frase também implica algumas questões sobre o ser e o estar no mundo. O que se coloca na frase como: “isso”, significa o espaço dotado de símbolos, índices e ícones que o transformam em um lugar, desta maneira, tem uma significação única para o indivíduo, ele faz parte deste lugar e suas ações implicam na transformação desse espaço. Dá o efeito de sentido de existência no discurso, onde: “isso faz ser o que é”, se referindo categoricamente o sentido ontológico que as ações da cultura se efetuem na Linha Leopoldina.

Esta é uma expressão própria da espacialidade do ser, na forma de ser-e-estar-no-mundo<sup>28</sup>, dando uma orientação fenomenológica ao discurso, uma vez que, o fenômeno (e também a categoria geográfica) aqui destacado no trabalho é o lugar, mas também o habitar como conceito central no mundo vivido destas pessoas. Unindo questões como identidade regional de cultura italiana, herança cultural histórica, influências externas, vitivinicultura e etc, a narrativa demonstra como o lugar reage devido a organização do fenômeno “Vale dos Vinhedos”.

---

<sup>28</sup> Ser-e-estar-no-mundo é um conceito elaborado pelo filósofo Martin Heidegger em sua obra: Ser e Tempo (1993) que busca na matriz do pensamento ontológico do indivíduo a explicação para as questões do espaço habitado.

Assim, o conceito de habitar um lugar nos mostra que vai além de um simplesmente morar em determinado ponto do mapa, quando se habita uma casa, uma estrada (como é esse caso na Linha Leopoldina), uma comunidade, uma região rural e/ou urbana, esta leitura compreende o próprio ser-e-estar-no-mundo, constituindo o fundamento ontológico do ser neste mundo, e desta forma, envolve, lugares, território, territorialidades, espaço de vivências, implicando assim, um conjunto de fenômenos que são um conjunto de intermediários ligados pelas ações intencionais e do que pretende o sujeito.

Na análise dos discursos é muito interessante observar algumas questões e procedimentos que organizam as cadeias significantes, a partir de traçados semânticos, isto é, o jogo significante que está intrínseco com o enunciado bem como os elementos da cultura na Linha Leopoldina. Por isso, a compreensão dos signos e da semiótica (isto é, a ciência de saber fazer a leitura dos símbolos no espaço) se confirma muito importante dentro de uma análise cultural.

As ideias, os pensamentos, os valores e as crenças são organizados em traços de cadeias significantes, como um caminho a ser percorrido. Assim, podemos ver como a cadeia significante se liga umas com as outras, organizando coerência e redundância sempre com a intenção e passar esses valores que o indivíduo carrega consigo mesmo.

Primeiramente o conceito de tema pode ser entendido aqui como uma categoria significante que pode ser um assunto, assim, uma ideia ou núcleo dela que dá respaldo a um pensamento sobre o modo de ser, de fazer, de acreditar, sentir ou perceber um objeto ou uma função. “Tema” então aqui trabalhado são os valores que se tem por crença e se fala. Aquilo que se propõe de uma ideia e um motivo com que se desenvolve uma composição a respeito de indivíduos que podem ser humanos ou não, porém, é explicitado sempre em relação àqueles que se refere, e assim, feito de um modo narrativo.

Desta forma, temos através dos discursos das entrevistas do trabalho de campo, material para fazer um estudo pormenorizado de cada parte de um todo, para conhecer melhor sua natureza, suas funções, relações, causas. Como afirma Peruzzolo, A. C. (2004): “O discurso não é um fio temático, antes, uma multiplicidade deles, como uma teia. É ao mesmo tempo um sintagma e um paradigma de investimentos temáticos”.

Tomamos então a entrevista a seguir para fazer na prática esse desmembramento de temas e análise referida:

São poucos os que cultivam a cultura italiana aqui, os jovens, por exemplo, não querem mais nada que seja relacionado à cultura italiana, essas coisas que eram até bem comuns para nós, como o filó<sup>29</sup>, as festas com músicas italianas, eles acham que é coisa do passado, e isso tá se perdendo. Pode ser que isso seja um sintoma dessas internet e televisão que eles ficam sozinhos, e isso vai contra o contato forte que se tinha antigamente, antes o que se aprendia era boca a boca, uns com os outros, já agora se aprende muito com os aparelhos eletrônicos e não se passa nada pra ninguém.

Na história, vemos que os imigrantes se agarraram com a plantação de uva porque é o que mais dá dinheiro, é a única coisa que com um limite de terra que nós temos rende alguma coisa. Na nossa época, quando eu era novo, era dessa maneira que se conseguia sustentar uma família de cinco ou seis. A uva eu acredito que foi bem paga, porque antes se plantava milho, mandioca, trigo, arroz, tinha vaca leiteira, galinha, hoje é só uva. As mordomias de hoje é que custa caro, casa, carro, apartamento, antes se vivia com pouco, não se precisava de muito, hoje precisa de muito para viver. A religião fazia parte dos encontros das pessoas, esse era o motivo ou a desculpa pra depois se beber vinho e fazer a festa. Hoje também acontece assim, mas está mais fraco.

Pra quem viu o Vale dos Vinhedos sem calçamento há vinte anos, a gente vê um crescimento muito acelerado, mas o Vale despertou da cabeça de alguns agricultores e empresários que tiveram a ideia, o grande fluxo de turista surgiu a partir do asfalto, e isso tudo trouxe uma mudança grande pra paisagem do local. E as coisas mudaram, mudou a consciência do agricultor a mentalidade do morador, embora o fato que vieram alguns moradores de fora, a gente que viveu aqui sabe que mudou muito.

As coisas foram evoluindo e hoje, além da viticultura tenho uma pousada em função das casas que construí para os filhos, mas daí eles não quiseram morar aqui, então pensamos o que fazer e decidimos construir uma pousada. Dá algum trabalho essas pousadas, não tem sábado nem domingo, chega gente a qualquer hora e tem que estar sempre sorrindo, mesmo com dor de barriga, mas faz parte, até que é bom tem uma função, dá pra ver quando as pessoas que vem de fora gostam da gente, então dá um ânimo pra nós.

Nós viemos de uma família numerosa, eram oito irmãos, meu avô veio da Itália, da região do Vêneto, então a gente tá acostumado com essa função, o contato com as pessoas, às vezes todo mundo falando ao mesmo tempo e ninguém se entende, mas isso é que a gente tava acostumado a fazer nas horas que não estava trabalhando, assim, fica bom de passar o tempo e conversar com pessoas que vem aqui pra conhecer. (Entrevistado 7, administrador de pousada).

A partir da entrevista 7, usamos uma tematização para compreender o sentido dos valores inseridos no discurso. A argumentação é responsável pelo encadeamento das frases, de modo que formem um texto com sentido. Os operadores argumentativos faz uma cobertura de conteúdos.

---

<sup>29</sup> Filó significa uma forma de reunião de pessoas, uma prática que faz parte da história da região de colonização italiana, uma vez que, os imigrantes desde o início da colonização no Brasil, se visitavam e faziam uma festa pequena, de algumas famílias para interagir com a comunidade.

Assim, podemos notar em primeiro lugar que os efeitos de referencialidade usados na fala é de aproximação do sujeito enunciador com sua narrativa, uma vez que, os pronomes em primeira pessoa são preponderantes. Há algumas vezes uso de terceira pessoa no singular e no plural como: Os jovens (eles), a igreja (ela), porém, na maior parte quando o enunciador se refere aos outros o enunciador fala sobre o 'eu', e o ponto de vista desse 'eu' na maior parte da conversa, isso dá um efeito de subjetividade no discurso e na narrativa, ao mesmo tempo em que ganha no efeito de conhecimento no sentido da experiência, por ser uma testemunha ocular e viva do espaço.

Não há uma regra de como fazer esta análise de discurso, ela é aberta para outros modos e interpretações, porém, vamos começar de um ponto de partida. Vamos tematizar como "Espaço e cultura italiana" e assim notamos uma série de outros temas que irão, no decorrer da fala da entrevista, tentar ratificar este tema central, é assim, nos casos: "poucos os que cultivam a cultura italiana aqui", "essas coisas que eram até bem comuns para nós, como o filó, as festas com musicas italianas", "coisa do passado, e isso tá se perdendo", "sintoma dessas internet e televisão que eles ficam sozinhos", "vai contra o contato forte que se tinha antigamente, antes o que se aprendia era boca a boca, uns com os outros". Até aqui no discurso, o indivíduo mostra o quanto ele acredita que a cultura italiana se perdeu, por que seria uma coisa do passado na cabeça dos jovens. Também fala sobre alguns aspectos como a evolução da tecnologia e do tempo que se gasta em função dessas "novidades" da atualidade. Assim, notamos que há uma tematização que tenta ratificar o tema central.

Da mesma maneira, A impressão do indivíduo quanto a cultura italiana é de fraqueza por um lado mas por outros aspectos, mostra que há uma ligação bem forte ainda com a cultura dos ancestrais, talvez essa seja a visão de quem viveu algumas gerações e tenha visto uma mudança significativa no espaço em que vive. Outro momento se pode notar essa relação de influência de cultura, é a continuidade da plantação de uva no segundo parágrafo: "Na história, vemos que os imigrantes se agarraram com a plantação de uva porque é o que mais dá dinheiro", "é a única coisa que com um limite de terra que nós temos rende alguma coisa", "Na nossa época, quando eu era novo, era dessa maneira que se conseguia sustentar uma família", "A uva eu acredito que foi bem paga", "antes se vivia com pouco, não se

precisava de muito”. Remete ao contexto social e econômico que está na história do local e ainda permanece fazendo parte do espaço e da cultura.

A religião é mencionada como elemento integrador da sociedade: “A religião fazia parte dos encontros das pessoas”, ou então apenas um pretexto para fazer uma integração social: “desculpa pra depois se beber vinho e fazer a festa”, que pode estar perdendo força, segundo seu discurso, há um fenômeno sócio cultural do espaço que influenciam nessas forças, porém de qualquer forma, ainda há alguns pontos de referência no qual o indivíduo morador da Linha Leopoldina, pode relacionar entre moradores e aprender a se sentir como parte da comunidade.

Mais uma vez, dentro do texto podemos interpretar a visão de alguém que viveu e morou no Vale dos Vinhedos a vida toda e conta um pouco, sob seu ponto de vista, como o espaço foi se modificando em função da evolução local, sempre colocando o sentido de realidade voltado para o “eu” no texto: “Pra quem viu o Vale dos Vinhedos sem calçamento há vinte anos, a gente vê um crescimento muito acelerado”, “o Vale despertou da cabeça de alguns agricultores e empresários que tiveram a ideia”, “o grande fluxo de turista surgiu a partir do asfalto, e isso tudo trouxe uma mudança grande pra paisagem do local”, “as coisas mudaram, mudou a consciência do agricultor a mentalidade do morador”.

Finalizando sua fala, o enunciador da entrevista 7, aqui comenta um pouco sobre o seu trabalho com a viticultura e com a pousada no local: “tenho uma pousada em função das casas que construí para os filhos, mas daí eles não quiseram morar aqui, então pensamos o que fazer e decidimos construir uma pousada”. Aqui podemos perceber alguns indícios sociais como: Os filhos tiveram condições e optaram por não morar no local; visão empreendedora para aproveitar as casas; fluxo migratório, nos dois sentidos, de dentro do Vale dos Vinhedos pra fora do Vale dos Vinhedos e de fora para dentro, dizer que: “embora o fato que vieram alguns moradores de fora”. O trabalho acentuado em função dos turistas: “não tem sábado nem domingo, chega gente a qualquer hora e tem que estar sempre sorrindo, mesmo com dor de barriga”.

Há também certa satisfação e ratificação com o trabalho que segundo suas palavras também é um indício que podemos averiguar como cultura italiana: “meu avô veio da Itália, da região do Vêneto”, “então a gente tá acostumado com essa

função, o contato com as pessoas, às vezes todo mundo falando ao mesmo tempo e ninguém se entende”, “fica bom de passar o tempo e conversar com pessoas que vem aqui pra conhecer”.

De um ponto de vista mais geral, vemos os investimentos temáticos como: a história do local, a proximidade entre os indivíduos, a religião, a vitivinicultura, o trabalho, a família, os meios sociais, etc. Todos esses são temas que fazem parte de todo o discurso, e constrói a validação de um tema maior que denominamos anteriormente como “Espaço e cultura italiana”. O tema central é este, por que pareceu pertinente, uma vez que tudo o que é falado se refere diretamente ao espaço vivido e a cultura que faz parte desse espaço.

Mas além dos temas incluídos nos discursos, temos outro determinante muito intrínseco com a análise dos discursos que são as figuras que são incluídas no texto de maneira geral. Podemos definir por figura é uma ideia amarrada a algo experimentado ou experimentável, fazer uma figura significa esboçar uma imagem mental para referenciar as representações vividas, e desta maneira, recobre os termos usados ‘ideias’ com trações de lembranças sensoriais (ECO, U. 1980).

Vamos usar outra entrevista a seguir para fazer esta análise de figuras. Não que as entrevistas anteriores não sirvam para fazer esta mesma análise, porém, é interessante enriquecer com mais informações de diferentes pessoas, vemos então o que o narrador da entrevista 8, tem a nos contar:

Eu tenho 50 anos, moro aqui a vida inteira, meus pais e avós nasceram e morreram aqui, todos eles trabalhavam com agricultura de uva, isso é uma coisa que passa de pai pra filho. Além de agricultor, trabalho prestado à comunidade por mim foi muitos, já fui representante do Circulo de Pais e Mestres da escola, trabalhei na cooperativa Aurora, participei da APROVALE, já fui chefe de garçom nos eventos da comunidade e agora fui escolhido coordenador do Vale dos Vinhedos. Nas comunidades um ajuda o outro dentro das próprias tarefas do dia-dia, isso envolve várias pessoas daqui do Vale dos Vinhedos, vivendo num regime de colaboração. Um exemplo é as festividades, quermesse, festa junina, a religião que está sempre presente na vida das pessoas, pelo menos elas se esforçam para que continue assim. Mas uma preocupação que tenho são os jovens que não estão permanecendo no campo, eles vão pra cidade e ficam por lá, então essa é uma preocupação para nós, por que muitas vezes, pra tocar o negócio com os vinhedos sempre tem muito trabalho, isso vai desestimulando porque todos os conhecidos estão saindo. (Entrevistado 8, vitivinicultor e coordenador da subprefeitura do Vale dos Vinhedos).

Desta maneira, as ideias se espalham pelo texto, na promoção de organizar a teia de argumentos que são incorporadas por um revestimento sensorial, e conforme

o discurso vai sendo elaborado, a figurativização dá maior efeito de realidade ao texto. Então vemos as figuras construídas no discurso que iconiza o espaço da comunidade, da Linha Leopoldina, em nossas mentes quando o enunciador diz: “moro aqui a vida inteira”, “meus pais e avós nasceram e morreram aqui”, “todos eles trabalhavam com agricultura de uva, isso é uma coisa que passa de pai pra filho”, dando um efeito de sentido que se refere ao pertencer ao local, de conhecer todos os espaços e lugares que fazem parte do Vale dos Vinhedos. Também são ícones de espaços: “Circulo de Pais e Mestres da escola”, “cooperativa Aurora”, “APROVALE”.

As figuras também iconizam ações: “chefe de garçom nos eventos”, “coordenador do Vale dos Vinhedos”, “um ajuda o outro dentro das próprias tarefas”, “festividades, quermesse, festa junina, a religião”, “se esforcem para que continue assim”. E no final do discurso o enunciador faz uma afirmação que constrói uma figura que se faz pelo sentido da preocupação com os jovens o futuro do local e o trabalho como a viticultura: “os jovens que não estão permanecendo no campo”, “pra tocar o negócio com os vinhedos sempre tem muito trabalho”.

Assim, com o uso de figuras, o enunciatário reconhece as imagens e os fatos que são construídos dentro do discurso, associando os sentidos colocados no texto com os espaços que fazem parte da Linha Leopoldina, dando também o efeito de realidade no discurso. Como podemos confirmar com Peruzzolo, A. C.:

A aceitação dos valores, ideias, pensamentos, raciocínios, informações e as adesões ideológicas e de conduta, entre outros efeitos, são devidas, em grande parte, ao reconhecimento desses reais embalados nas figurações narrativas. A iconicidade, assim atribuída à potência da narrativa, quer referir o efeito que as figuras discursivas produzem no sujeito leitor de modo a leva-lo a representar uma imagem mental do que se diz, como se fosse algo que se concretiza no real da experiência. O icônico é aquilo que se pode configurar mentalmente como imagem. (PERUZZOLO, A. C. 2004).

Então, podemos afirmar que a figura aparece como uma ‘visão interior’ dos objetos, dos espaços, das ações e das realidades experimentadas. E assim, a linguagem abstrata se alimenta da lembrança da percepção como reflexo que se aproxima constantemente com o mundo material.

Por isso, as expressões destacadas no texto desta análise, são expressões que se constroem nas formas de ler e dizer a realidade destas pessoas, assim, a

linguagem se torna uma ferramenta que constrói os sentimentos da mesma forma que descreve os objetos, as formas e os conteúdos inseridos na fala como entidades autônomas.

Em termos de outros textos presente no discurso podemos ver de maneira muito clara e objetiva que o sujeito do discurso constrói-se não só a partir das marcas discursivas, mas das relações sociais, onde se encontra um comunicante sócio-histórico definido pela inter-relação dos textos que são passados no cotidiano. Desta forma o conjunto sêmico dos temas e figuras tem por base as formações dos discursos e das ideologias que estão presentes nos valores que já estão constituídos na sociedade em que vive o indivíduo e esta presente no campo da cultura de maneira geral.

O procedimento de considerar o que o indivíduo fala e procurar identificar os valores contidos no seu discurso considera preponderantemente as relações da comunidade e verificando as relações vigentes na sociedade que são simuladas e dissimuladas dependendo da heterogeneidade dessas relações.

Assim, verificamos as relações sociais de menor escala, no nível regional, estadual, e até internacional, que regem estes discursos, bem como verificamos as relações sociais em grande escala, no nível do Vale dos Vinhedos, da Linha Leopoldina, da comunidade e em uma escala maior dos vizinhos até chegar ao individual.

Os textos conversacionais marcam as relações entre o indivíduo que fala e o que escuta, ligando-os sob alguma perspectiva cultural, e desta maneira revela recursos passionais de interesse, desinteresse, confiança, desconfiança, crença, descrença e assim por diante.

As semelhanças e diferenças entre um indivíduo para outro organizam as relações que temos em comunidade e o relato pessoal de algum acontecimento ou declaração do espaço e da cultura como ela se encontra é uma sucessão de momentos no tempo e no espaço que constrói a vivência dos indivíduos.

O indivíduo quando se coloca como personagem na narrativa da entrevista permite articular no fato da sua presença os fragmentos históricos do ser e do fazer da cultura no espaço, essa dimensão da relação humano e espaço, e também com

outros humanos na intercomunicação, fundamenta a relação social bem como o sentido da imagem no texto discursivo.

### **6.3 Linguagem, realidade cultural e espacial:**

É importante para uma análise semiológica dos discursos, esclarecer algumas bases conceituais para nos referir melhor à realidade das pessoas que vivem na Linha Leopoldina. Em primeiro lugar notamos que pelo processo de figurativização a língua dá 'vida própria' aos elementos do discurso como: "trabalhar, agricultura, uva, religião, etc", assim, quando o locutor está falando em entrevista está criando entidades não-personais ao mesmo tempo em que constrói um discurso cultural. Fazendo existir o signo para o mundo humano de sentidos, isto é construindo um universo semiótico. Assim, se faz existir a 'vitivinicultura', 'a paisagem', 'o vale', e assim por diante. Deste ponto de vista, diz Edward Lopes, (1986 pag. 57): "A única realidade de que pode falar os discursos é constituída pela realidade que cada discurso cria como efeito de sentido". Assim, o real é para o discurso, uma construção de fazer nomear formas e conteúdos dentro de uma prática social.

Podemos afirmar ainda que as realidades não são as mesmas por que são vistas de ângulos diferentes, uma vez que, são construídas em situações comunicacionais diferentes, podemos notar isso quando vemos que em algumas entrevistas a religião é colocada como elemento de grande influencia na vida das pessoas, e em outras entrevistas, a religião não está muito presente. Da mesma maneira a coletividade, a condição social e outros inúmeros aspectos que são passíveis de análise dentro das entrevistas.

A linguagem assim confere realidade ao mundo possível enquanto tal, tornando o mundo do humano rico em sentidos, como detalhamos anteriormente as teorias semióticas que se referia exatamente aos objetos que fazem parte do mundo humano, a classificação dos objetos feita por Pierce, C. S. (1977) trata disso. A denominação de coisas, qualidades, eventos, estado das coisas onde tudo é representação. O requisito obrigatório então é que um grupo cultural de pessoas atribua nomes e conceitos que 'signifique' no jogo da linguagem e se crie uma semióse para a inteligibilidade em questão.

É através da subjetividade que os sentidos são apreendidos, a maneira de apreender projetam-se as maneiras de ser, de crer, de fazer, de sentir e de pensar, confeccionado através das experiências anteriores e pelo meio sociocultural que cada comunicante pertence, assim, como os interesses imediatos e diferidos pelo perceptor da realidade. Isto explica por que sutilmente dentro de uma mesma comunidade os sentidos não se representarem do modo idêntico de uma pessoa para a outra.

Cada pessoa aprende a denominar as diversas coisas no seu meio, formando o conceito de espaço dentro da sua consciência, jogar com os sentidos dentro do seu grupo cultural, neste caso a comunidade da Linha Leopoldina. Assim, a vivência de cada um é única por que experimenta novas relações em dado espaço e tempo que também são únicos, e desta maneira percebe as coisas, acontecimentos e as ações com os outros e a si próprio, mas os representa da maneira que parecem ou como acreditam serem as coisas do meio.

Saussure, F. (1975) se refere ao ponto de vista que cria o objeto, diz além de se criar um objeto para a ciência, também significa que a percepção dos fenômenos por dados que são trabalhados no dia-dia. Os dados são fornecidos, desta maneira, pelo fato de circunscrever-se dentro do campo de captura dos mecanismos perceptivos dos seres de tal modo que o ponto de vista é o enfoque de visão dos acontecimentos, o lugar de construção dos mesmos.

Por isso, quando falamos em realidade ou construção do real, há a necessidade de entender os mecanismos e acontecimentos sociais não são objetos que se encontram pronto em algum lugar, mas sim, a linguagem que monta e qualifica a realidade das coisas a ponto de que essa começa a existir na medida em que a linguagem se elabora. Neste sentido, a comunicação é o lugar<sup>30</sup> onde se produz o acontecimento social. As realidades sociais são realidades pensadas e faladas e também são colocadas no jogo da comunicação. Essas realidades faladas participam intensamente da dinâmica da sociedade.

---

<sup>30</sup> O conceito de lugar aqui não é o geográfico e sim o lugar dos discursos como afirma Saussure (1975), apesar de compreender que neste trabalho há uma relação estreita entre os dois conceitos, uma vez que, a análise do discurso é uma ferramenta que é usada para compreender o espaço geográfico.

Dizemos que um discurso produz efeito de verdade por que as pessoas que relatam sobre suas vidas e o lugar onde vivem usam elementos comuns na narrativa, a linguagem constrói coisas e pessoas que esta sendo dito, porque é isso que a pessoa coloca em consideração naquele momento.

A linguagem não é apenas um meio de comunicação ou relação entre os indivíduos, enquanto constrói as realidades semióticas, é também uma maneira de expressão pessoal dentro do qual o sujeito se expõe e se propõe ao encontro do outro indivíduo, para o exercício de si e sobrevivência do seu ser e da cultura intrínseca em sua trajetória de vida. Assim, há uma influência pessoal juntamente com a força de procura para a relação com o outro.

O que acontece na construção de discursos são sinais materiais captáveis pelos órgãos sensoriais, depois disso, a atividade social entre comunicantes se torna possível na relação que se produz efeitos de sentido, isto é, o mundo semiótico do espaço habitado. A palavra é o território comum entre o locutor e o interlocutor, e da mesma maneira um lugar social e das relações pessoais, uma impressão de situações e de temáticas.

Assim, um determinado discurso pode indicar de onde alguém fala, também pode localizar e descrever, através do ponto de vista do enunciador, qual a esfera social que o sujeito esta inserido, as condições sociopsicológicas, a história da linguagem adotada, a condição social, as questões econômicas, permitindo um amplo sentido dentro de análises. Como afirma Peruzzolo, A. C. 2004, pag. 214: “Os valores socioculturais circulam enrolados nas modalidades de dizer dos discursos, que procuram captar os fluxos do desejo inscrevendo-os e registrando no corpo social”, através dos discursos abrimos possibilidades de investigar minuciosamente as inúmeras questões que fazem parte do espaço e da cultura dentro da relação social dos indivíduos, tanto quanto a relação deste mesmo indivíduo com a natureza.

Claval, P. classifica as seguintes categorias do espaço cultural:

[...] (a) uma mediação do homem com a natureza, (b) é a herança resultado do jogo da comunicação, (c) permite aos indivíduos se projetarem no futuro, (d) é feita por palavras articuladas por discursos, (e) realizada na representação que é um fator essencial de diferenciação social, (f) a paisagem é o objeto de trabalho da geografia cultural, através da marca cultural. (CLAVAL, P. 2007, pag. 12)

Notamos que Claval, P. (2007) deixa algumas categorias conceituais relevantes para este trabalho, em decorrência da citação dos seguintes elementos de sua classificação que são usados como referência nesta análise: em (a) a mediação do homem com a natureza é essencialmente da ciência geográfica, em (b) herança do resultado do jogo da comunicação é basicamente feita aqui com os indivíduos para fazer a análise dos discursos, no que se refere Claval, P. (2007) em (c) e (d), fazemos a análise das preocupações desses indivíduos com o Vale dos Vinhedos, em (e) a representação é esboçada na relação do indivíduo com seu discurso, (f) nos diz que a paisagem trás marcas, isto é, formas que também constroem signos que são trabalhados nesta análise.

É desta maneira que conseguimos fazer a relação entre cultura e o território, e como já comentamos o fato do território humano ser constituído de signos, podemos afirmar que no nível humano de território a cultura é intrínseca à construção desta territorialidade multidimensional do vivido.

Os conceitos de cultura, espaço e território estão imbricados e há relações entre estes, uma vez que, temos dentro dos significados dessas categorias conceituais uma semiótica que compreende essas dimensões da ciência geográfica.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A pesquisa envolvida nesta dissertação teve por objetivo fazer uma análise da Geografia Cultural na Linha Leopoldina, dentro do Vale dos Vinhedos em Bento Gonçalves/RS. O uso da Semiótica como ferramenta de procedimento metodológico, ampara o aprofundamento de análise do território, assim, temos que ter em mente que os conceitos de Cultura, Espaço, e até mesmo o conceito de análise, são extremamente amplos e dignos de grandes dimensões de estudos. Da mesma maneira fica em aberto para discussões com enfoque diferentes. O objetivo proposto e alcançado nesta pesquisa é de determinarmos os direcionamentos teóricos para que a finalidade em questão seja atingida. Sem a pretensão de generalizar o entendimento de Cultura, mas compreendendo o termo como um fenômeno social complexo.

As informações coletadas nos discursos dos trabalhos de campo revelam um pouco do cotidiano nas interdiscursividades, isto é, os discursos que não estão nas entrevistas, mas são construídos entre os indivíduos que moram no local e em determinado nível atuam como atores sociais, uma vez que, a convivência em comunidade e o conhecimento de um número limitado de indivíduos que moram no local facilita a compreensão da condição territorial presente, isso passa a ser um indício das influências da cultura no cotidiano linguístico dos sujeitos.

Por isso, coloco aqui o termo 'análise de uma cultura' porque há vários elementos que compõe e que estão inseridos dentro da fala dos indivíduos, podemos tematizar de inúmeras formas estes elementos como: vitivinicultura, religião, comunidade, família, empreendedorismo, italianidade, brasilidade, modernismo, conservadorismo, herança, etc. Todos estes são temas que são cabíveis dentro da pesquisa e também são passíveis de intencionalidades dependendo de como o tema se relaciona com o conteúdo.

As indagações colocadas no capítulo introdutório: quais as relações com os modos de construção e redefinição da identidade dessa sociedade? Como compreender as ações dos atores sociais dentro de uma perspectiva cultural? E como elas se representam no espaço caracterizando elementos através das formas na paisagem e conferindo-lhe esta particularidade? Estas questões impulsionaram a pesquisa, da mesma maneira que permitiram vários enfoques e teorias para um questionamento amplo e aberto, elas também mostram que as perspectivas de entender a cultura e a identidade como um fenômeno de signos esta atrelada as influências do meio em que o indivíduo vive, e assim há tem a influência das manifestações coletivas e manifestações externas.

No que se refere à metodologia da análise, o objetivo da pesquisa em determinada ordem permitiu às fontes de informação deste espaço caracterizar algumas representações na Linha Leopoldina. O território que foi delimitado para atingir a proposta final da pesquisa foi suficiente para analisar algumas influências da cultura que está enraizada no cotidiano das pessoas que habitam a Linha Leopoldina.

Cultura italiana presente em várias representações levantadas são presentes de maneira muito acentuada, também as influências da cultura externa que é

veiculada pelos meios de comunicação fazem parte do dia-dia das pessoas. A partir desses conhecimentos e de colocar em pauta essa configuração espacial nos perguntamos: futuramente as influências externas poderiam (des)identificar a localidade a ponto de colocar em risco os aspectos fundamentais da cultura italiana? Ou a cultura italiana apesar da absorção das culturas externas constituirá uma nova maneira de olhar o lugar como uma herança cultural de raiz?

Uma vez que a cultura se trata de um fenômeno de processo construído através de muitas flutuações, tentar compreender a dinâmica desses elementos sógnicos abre a possibilidade de conhecer um pouco desse universo simbólico dos grupos. A história é um elemento muito forte e influenciador no espaço nesse sentido, as vozes ouvidas nos discursos nos mostram que o lugar é dinâmico, porém, não perde aspectos fundamentais que sobrevivem e constrói aquilo que buscamos entender sobre o território analisado.

As questões que são propostas nas entrevistas busca entender a partir do indivíduo a representação do lugar Linha Leopoldina na noção do habitar. A visão sobre a cultura local em alguns momentos mostra maneira de entender que a cultura italiana esta se perdendo e em outros momentos os elementos, por exemplo, o trabalho com vitivinicultura, a vida em comunidade, a religião, a língua estão presentes e são representações de influências nos indivíduos.

Por isso, é tão importante fazer uma observação histórica da região e da localidade, uma vez que, compreender o fenômeno dentro da perspectiva do espaço temos também que entender como o imediato se construiu no decorrer do tempo para entender como o espaço de maneira geral se organiza.

Ter conhecimento sobre a questão dos imigrantes, suas dificuldades e saber que desde os primeiros anos no estabelecimento da colônia já se trabalhava com vitivinicultura nos remete a compreender as influências culturais do contexto atual.

Ao tempo que os processos de globalização abrem margem para questões do território, que se organizar processo de mudanças globais e penetra e influencia todos os espaços e assim, temos um fator ou influencia cultural que se soma na cultura da localidade. A história mostra que a cooperação sempre esteve presente entre os indivíduos, isso é um elemento de superação de dificuldades além de

informar do grande contato que estes indivíduos têm entre si, o sentimento de pertencimento e desenvolvimento coletivo permite verificar uma forte territorialidade e vínculos culturais na multidimensionalidade do vivido da Linha Leopoldina.

A cultura e o cotidiano retomam estas questões de vivência e experiência humana, isto é notadamente verificável tanto nos discursos quanto na paisagem, os aspectos do rural são fundamental para a manutenção dessa paisagem, isso porque a quantidade acentuada de elementos urbanos poderia enfraquecer a simbologia local. Temos que entender então que a Linha Leopoldina é um local plural e com fenômenos de relativa fluidez, onde não podemos estigmatizar a cultura local como sendo algo homogêneo. É uma cultura que tem vínculos com as raízes dos ancestrais em determinados fatores, porém, dentro dos aspectos da mundialização e das opções tomadas no direcionamento do capitalismo que faz deste local único em suas características espaciais.

A vitivinicultura então se torna um elemento fundamental para a análise, este é sem dúvida um elemento (podemos chamar também de: Símbolo, índice, ícone, e qualquer representação e classificação de Signo que ela pode tomar) esta sempre presente na análise das ferramentas teóricas Paisagem, lugar, Território e territorialidade, propostas por Di Méo, G. e Buléon, P. (2007)

A proposta da análise dos discursos aqui é baseada nos fundamentos teóricos da semiologia da comunicação, assim, podemos tirar conclusões e fazer afirmações na hermenêutica através da construção de sentidos que os indivíduos carregam na sua fala. É um trabalho exegético que analisa como o sujeito se relaciona com a sua fala, nos sentidos de referente, usando termos reais da sua vida e do seu cotidiano para expressar o que significa o 'lugar' para si e para sua comunidade.

A criação de temas e figuras dentro do discurso mostra que o indivíduo se refere à sua realidade e criando entidades no discurso que são presentes no material e também no Signo humano dos sentidos. Então a realidade é para o discurso uma maneira de nomear coisas e fatos do meio, esta é a forma que o indivíduo encontra para descrever seu ser-no-mundo. As realidades não são exatamente as mesmas, porque são construídas em situações diferentes, porém há

uma convergência de aspectos que são comuns entre os indivíduos e isto caracteriza a condição social do grupo.

A comunicação, através da fala e da linguagem, trás realidade ao mundo da matéria construído pelos significados, as teorias Semióticas classificam estes aspectos através da subjetividade que os sentidos são apreendidos, a maneira de apreender projetam-se as maneiras de ser. A denominação de coisas, qualidades, eventos, estado das coisas onde tudo é representação. Os sentidos, segundo a narrativa dos signos, se constroem na estrutura das linguagens. Acontece que trabalhar os sentidos e querer compreender essas estruturas é uma virtude encontrada apenas na racionalidade, que é exercitada pela linguagem simbólica do ser humano (Peruzzolo, A. C. 2004).

Através desta análise da cultura sobre um território e sob determinado fundamentos conceituais, podemos dizer que a Linha Leopoldina é um espaço cultural construído historicamente, que tem Signos de influência que são enraizadas na cultura italiana e também Signos de influência da cultura externa trazidas pelo desenvolvimento do capital, e por fazer parte do espaço com relação de fixos e fluxos como afirma Santos, M. (1996), absorve elementos da cultura global. Porém, isto não quer dizer que a identidade esteja se perdendo, ela apenas está dentro de um processo de tempo e espaço que se constrói e materializa e simboliza o cultural de maneira única, com suas influências internas e externas.

O estudo aqui apresentado, de maneira alguma se finaliza como absoluto, longe disso, temos a ideia que abre uma série de indagações que servem primordialmente para contribuição em trabalhos posteriores. Atingimos o objetivo de fazer uma análise da Cultura através dos significados construídos no fenômeno espacial com e embasamento de teorias, trabalhos empíricos, de campo e pesquisa bibliográfica, porém, abre-se uma série de novas interrogações dentro das interpretações diferentes que podem surgir com sua leitura.

## REFERÊNCIAS:

ABRAMOVAY, R. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2000.

ARENDT, A. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1997.

BARROS, D.L.P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo, SP: Hucitec, 1981.

BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. São Paulo, SP: Cultrix, 1975.

BRANDÃO, H.H.N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo, SP: EDUSP, 1997.

CERVONI, J. **A enunciação**. São Paulo, SP: Ática, 1989.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano: morar e cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3 ed. Florianópolis, SC: UFSC, 2007.

COSGROVE, D. (1998). **A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas Paisagens Humanas**. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.) Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 92-123.

\_\_\_\_\_. **Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria**. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.) Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mundo dos significados: Geografia Cultural e imaginação.** In: CORRÊA, R.L. et al (Org.). Geografia Cultural: um século (2). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. **Novos Rumos da Geografia Cultural.** In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.). Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, R. et al. **Imigração italiana: vida, costumes e tradições.** Porto Alegre, RS: Sulina, 1974.

CONFRARIA DO VINHO. Bento Gonçalves. Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: <http://www.confrariadovinho-bg.com.br>. Acesso em: 21 jul. 2011.

DARDEL. E. **L'homme et la Terre.** Paris, PUF, 1952.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano:** capítulo 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Dialogues.** Paris: Flammarion, 1977.

DI MÉO, G. **Géographie sociale et territoires.** Paris, Nahatans, 1998.

\_\_\_\_\_. **Les territoires du Quotidien.** Paris, L'Harmatan, 1996.

DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L'espace social.** Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2007.

DUCROT, O. **Princípio da semântica linguística.** São Paulo, SP: Cultrix, 1977.

DUCAN, J. S. **A paisagem como sistema de criação de signos.** In: CORRÊA, R.L. et al. (Orgs). Paisagem, Textos e identidade. . Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2004.

DUNCAN, J. S. **Após a Guerra Civil: Construindo a Geografia Cultural como Heterotopia** In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Geografia Cultural: Um Século (2). Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000.

ECO, U. **Os limites da interpretação**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. 21 ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **O conceito de texto**. São Paulo, SP: Edusp, 1984.

\_\_\_\_\_. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. **Tratado Geral da Semiótica**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1980.

\_\_\_\_\_. **As Formas do Conteúdo**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. **A Estrutura Ausente**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1971.

FALCADE, I. **Indicações Geográficas, o caso da região com indicação de procedência Vale dos Vinhedos**. 2005. (Dissertação de Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Paisagem como Representação Espacial: A paisagem Vitícola como Símbolo da Indicação de Procedência de vinhos das regiões Vale dos Vinhedos Pinto Bandeira e Monte Belo do Sul (Brasil)**. 2011. (Tese de Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FALCADE, I.; MANDELLI, F. **Vale dos Vinhedos – caracterização geográfica da região**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1999.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise de Discurso**. São Paulo. SP: Contexto/Edusp, 1989.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. **Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: Processos de Formação e Evolução de Uma Sociedade Ítalo-Brasileira**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EducS, 2009.

GARDELIN, M. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: Fontes Literárias**. Caxias do Sul, RS: EST/EducS, 1988.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1989.

GIRON, L. S. (Coord.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **Conocimiento y Interés**. Madrid: Taurus, 1989.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2004.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

HEIDRICH, A. et al. (Orgs.) **A emergência da Multiterritorialidade**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS; Canoas: Editora da ULBRA, 2008.

\_\_\_\_\_, **A Abordagem Territorial e a Noção de Representação**. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Porto Alegre, RS. ENG 2010.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico de língua portuguesa. Versão 1.0**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

HUSSERL, E. **Recherches Logiques**. Paris: PUF, 1969.

\_\_\_\_\_. **Problemas Fundamentais da Fenomenologia**. Madrid, Espanha: Alianza, 1994.

HUXLEI, A. **Admirável Mundo Novo**. Tradução: Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. 5 ed. Porto Alegre, RS: Editora Globo Porto alegre, 1979.

JEAN, Y. **Faire La Géographie Sociale Aujourd’hui** – les documents de MRSH de caen, n°14, octobre 2001, p.111-122.

KOFF, P. **Até 24 de Maio de 1870: Cruzinha**. Bento Gonçalves, RS: Editora Bento Gonçalves, 1975.

LEFEBVRE, H. **La Production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1999.

LOPES, E. **Metáfora: da Metáfora à retórica**. São Paulo, SP: Atual, 1986.

MALPAS, Jeff. **Place and Experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. **Heidegger's topology: being, place, world**. Cambridge: MIT Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **Heidegger, Geography, and Politics**. *Journal of the Philosophy of History*, v. 2, n. 2, p.185-213, 2008.

MARQUES, M. I. M. **O Conceito de Espaço Rural em Questão**. *Terra Livre*. São Paulo, SP: Ano 18, n.19. p. 95-112, Jul/Dez, 2002.

MARAFON, G. J.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs) **Agricultura, desenvolvimento e Transformações socioespaciais: Reflexões interinstitucionais e constituição de grupos de pesquisa no rural e no urbano**. Uberlândia, SP: Editora Assis, 2008.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEDEIROS, R. M. V.; FALCADE, I. (orgs) **Tradição versus Tecnologia**. Editora UFRGS, 2009.

\_\_\_\_\_. **Expressões da Re-Territorialização do Campo Brasileiro**. Porto Alegre, RS: Editora Compasso, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. 2. Ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Visível e o Invisível**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1971.

NETO, J. C. N. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo, SP: Editora perspectiva S.A., 1999.

NÖTH, W. **A Semiótica do século XX**. São Paulo, SP: Annablume, 1996.

ORTEGA, A. C.; JEZIORNY, D. L. **Vinho e Território: a experiência do Vale dos Vinhedos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

PÁDUA, Ligia T.S. **A topologia do ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.

PANORÂMIO. 2011. Rio Grande do Sul. Bento Gonçalves. Disponível em: <http://www.panoramio>. Acesso em: 30 de Mar. e 9 de Nov. 2011.

PARIS, A. (Org.). **Memórias de Bento Gonçalves**. Bento Gonçalves, RS: Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves, 1999.

PAULUS, B. **O cotidiano no Vale dos Vinhedos: uma compreensão a partir das representações sociais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2009.

PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P.; SOUZA, E. B. C. (Orgs) **Teorias e práticas territoriais: análises espaços-temporais**. São Paulo, SP: Editora expressão popular, 2010.

PERUZZOLO, A. C. **Elementos de Semiótica da Comunicação**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PICKLES, John. **Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PIERCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo, SP: Cultrix, 1977.

PREFEITURA DE BENTO GONÇALVES. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br>. Acesso em: 30 mar. 2009 e 17 jun. 2010.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, SP: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. "Repères pour une théorie de la territorialité humaine". In: DUPUY, Gabriel et alli. **Reseaux territoriaux**. Caen: Paradigme, 1988.

REGO, N.; MOLL, J. AIGNER, C. (Orgs) **Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2003.

RELPH, Edward. **Place and placeless**. London: Pilon, 1976.

\_\_\_\_\_. **Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography**. In: SEAMON, David and MUGERAUER, Robert (eds.) *Dwelling, place & 16 environment: towards a phenomenology of person and world*. New York: Columbia University Press, 1985.

RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1987.

ROCHA, L. B. **Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: Alternativas para analisar o espaço geográfico**. V.4/5, p. 67-79, 2001.

SANTAELLA, L. NÖTH, W. **Imagem: Cognição, Semiótica e Mídia**. São Paulo, SP: Iluminuras, 1998.

SANTAELLA, L. **A Teoria Geral dos Signos, Semióse e Autogeração**. São Paulo, SP: Ática, 2005.

SANTOS. M. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo; razão e emoção**. 2. Ed. São Paulo, SP: HUCITEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Método**. São Paulo, SP: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo, HUCITEC, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo, SP: Estúdio Nobel, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo, SP: HUCITEC, 1982.

\_\_\_\_\_. **Técnica Espaço e Tempo. Globalização e meio Técnico-Científico Informacional.** São Paulo, SP: HUCITEC, 1994.

SAQUET, M. A. **As abordagens e concepções de Território.** 2. ed. São Paulo, SP: Expressão popular, 2010.

SAQUET, M. A.; Souza, E. B. C. (Orgs) **Leituras do conceito de Território e de Processos Espaciais.** São Paulo, SP: 2009.

SAQUET, M. A.; SUZUKI, J. C.; MARAFON, G. J. (Orgs) **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas.** São Paulo, SP: Outras Expressões, 2011.

SARMENTO, J. C. V. **Representação, imaginação e espaço virtual: Geografia de Paisagens turísticas em West Cork e nos Açores.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** São Paulo. SP: Cultrix, 1975.

SERPA, A. et al. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações.** Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

SILVA, A. P. et al. **“Conte-me sua história”:** Reflexos sobre o método História de vida. Belo Horizonte, nº 1, p. 25-35, 2007.

SILVA, J. M.; SILVA, E. A.; JUNCKES, I. J. **Construindo a Ciência: Elaboração crítica de projetos de pesquisa.** Curitiba. PR: Pós-Escrito, 2009.

TIZON, P. “Qu’est-ce Le territoire?” In: DI MÉO, G. **Géographie sociale et territoires.** Paris: Nathan, 1998, P. 17-34.

TONIETTO, J. **O Conceito de Denominação de Origem: Uma opção para o desenvolvimento do setor vitivinícola brasileiro.** Bento Gonçalves, RS: EMBRAPA, 1993.

TUAN, Y. **Topofilia.** São Paulo. SP: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar.** São Paulo. SP: Difel, 1983.

VALDUGA, R. **Sonho de um Imigrante**. 2 ed. Porto Alegre. RS: Letra e Vida, 2010.

VALDUGA, Vander. **O Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos**. 2007. (Dissertação de Mestrado em Turismo) – Centro de Ciências Humanas Aplicadas, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

\_\_\_\_\_. **Raízes do Turismo no Território do Vinho: Bento Gonçalves e Garibaldi – 1870 a 1960. (RS/Brasil)**. 2011. (Tese de Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VALVERDE, O. **Excursão à região colonial antiga do Rio Grande do Sul. In: Aspectos da geografia rio-grandense**. Rio de Janeiro. RJ: IBGE, 1954. p.119-169.